

nd-sad
ere.
rustling of
a king
a lithe
thing m

Volume 3 - N° 1/2021

DUMMELA

**FIAM
FAAM**
CENTRO UNIVERSITARIO

FMU
CENTRO UNIVERSITARIO

p
str
our
roth
ose
nger
conf
or on
a of th
ances
ited to
er wer
d death
ispers
inudes
Whe
faco

rit
ill,
ll.
d rock;
by the shock;
and,
a flat piece of

FE.
orrow, and re
the once ga
robber; Ros
age, the Ro
ed their appe
lexions stain
e tenants o
mbulance o
o plunder
was d
d fo

es
the
an
ngin
im
it
ava-
-adde
ustling
y u

fluttered
head-eye
e woo
bec
the
ne
re
le
day, v
the w
and
lives o
the s
n
s bo



...ing danger
or his conf
eye, or on
death of th
defiances
excited to
father wer
sand death
whispers
minutes
When

MULHER NEGRA
FEMINISMO NEGRO
MOVIMENTOS NEGROS
QUILOMBO AMÉRICA
ATLÂNTICA
ESCREVIVÊNCIAS
GENOCÍDIO
EPISTEMICÍDIO
RACISMO
ORIXÁ
PRETUGUÊS
ORI

AMERICANIDADES

...ill,
...ll.
...d rock;
...by the shock;
...and,
...a flat piece of
...FE.
...orrow, and
...the once
...robber; f
...age, the
...ed their ap
...lexions st
...e-tenant
...nblance
...o plund
...was
...ed

...the fluttered
...head-eyed
...a wood-
...eak the
...beeche
...the c
...e, a
...re
...oked;
...loked; wh
...day, wh
...e wor
...and
...ifes o
...the sa
...n ga



Maria Carolina Sousa

TEMPOS DE NOS AQUILOMBAR

É tempo de caminhar em fingido silêncio,
e buscar o momento certo do grito,
aparentar fechar um olho evitando o cisco
e abrir escancaradamente o outro.

É tempo de fazer os ouvidos moucos
para os vazios lero-leros,
e cuidar dos passos assuntando as vias
ir se vigiando atento, que o buraco é fundo.

É tempo de ninguém se soltar de ninguém,
mas olhar fundo na palma aberta
a alma de quem lhe oferece o gesto.
O laçar de mãos não pode ser algema
e sim acertada tática, necessário esquema.

É tempo de formar novos quilombos
em qualquer lugar que estejamos
e que venham os dias futuros, salve 2020,
a mística quilombola persiste afirmando:
“à liberdade é uma luta constante”

Conceição Evaristo



Pandemia: "é nóiz por nóiz"!

Expediente

A DUMELA é uma produção do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA), pertencente ao FMU | FIAM-FAAM Centro Universitário.

Volume 3 | Nº 1/2021 | Semestral

Presidente/Reitor: Arthur Sperandéo de Macedo.
Vice-Presidência Acadêmica e de Inovação: Aline Alves de Andrade.

Vice- Presidência Acadêmica: Manuel Nabais da Furriela.

Diretor da Escola das Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Artes e Humanidades: Fernando Albino Leme.

Coordenadora do Curso de Jornalismo e do Curso de Relações Públicas: Nicole Morihama.

Coordenadora Curso de Publicidade e Propaganda: Tereza Imperiale.

Coordenador do curso de Rádio, TV e Vídeo: Fernando Albino Leme.

A DUMELA

Diretora de Redação: Carla de Oliveira Tôzo (MTB 033685 SP).

Produção Executiva e Coordenação do NERA: Maria Lúcia da Silva (MTB 0563 ES).

Designer e diagramação: Iuri Lima.
Arte da capa: Maria Carolina Sousa.

Jornalistas que colaboraram com essa Edição: Aline Campos, Edilaine Heleodoro Felix, Letícia Castor, Karina Souza Quenis, Maria Carolina Sousa, Mariana Lima, Natália Geraldo, Pedro Henrique Ribeiro e Tamara Santos.

Colaboração dos Estagiários NERA/AICom: Arthur Vieira, Alan Felipe M. Durães, Lala Evan, Danielle Barros, Eryka Rodrigues, Samantha Rubio e Myllene Jesus dos Santos.

Colaboraram com essa Edição: Carolina Nobrega, Chiara Moretto, Daniele Hans, Edson Linhares da Silva, Eloisa Gabriel dos Santos, Francisca Rodrigues, Karim Vecchiatti, Leonardo G. Gomes, Mara Aline Campos dos Santos, Mirela Neris e Rafaela Clíce.

Participaram da matéria (professor negro): Cristiane Fernanda Nogueira, Danilo Vitorino, Flávio Benevides, João Arnaldo Santos, Jordana Bruna Gomes de Araújo e Igor Machado Ribeiro.

O NERA

O NERA é formado pelas professoras Carla de Oliveira Tôzo e Maria Lúcia da Silva.

A DUMELA está localizada nos seguintes endereços: Av. Santo Amaro, 1239 - Vila Nova Conceição, São Paulo - SP, 04745-000 e Av. Morumbi, 501 - Morumbi, São Paulo, SP - 05607-000

Você pode entrar em contato conosco através dos e-mails redacao@revistadumela.com.br e maria.l.silva@fiamfaam.br

ISSN 2595-797X | Volume 3 | Nº 1 | Novembro 2021

Mais uma revista Dumela chega para reafirmar nossa resistência. Quinta revista em cinco anos de NERA! A primeira Dumela ficou pronta em dezembro de 2017 e lançamos a edição no dia 24 de maio de 2018. Revista que tem como objetivo fazer memória das atividades que desenvolvemos no NERA. DUMELA, como explicamos na primeira edição, significa crer, ter fé, por isso, a nossa crença é cada vez mais evidente: “é nóiz, por nóiz”, como diz o poeta/rapper Emicida. Nesse período em que desenvolvemos a DUMELA muitos professores e alunos que contribuíram já não trabalham e/ou não estudam mais na Instituição, mas continuam contribuindo em suas horas de folga para esse projeto. Nesse número além de contarmos com o trabalho do egresso de Publicidade, Iuri Lima, no design e na diagramação, temos no espaço discente contribuições de egressos dos cursos de Jornalismo, Ciências Sociais e Direito. Quero expressar todo nosso amor, respeito e agradecimento pelo trabalho realizado pela professora Edilaine Felix, que comigo e a professora Carla Tôzo, desenhou e colaborou com essa edição que começamos a produzir em junho de 2020. Nunca demoramos tanto para fechar um número da Dumela, mas a pandemia e os momentos de lockdown foram nos enchendo de desesperança. Além disso, esse tipo de pesadelo nunca havia aportado em nossa imaginação, nem nos piores momentos. Mas retomamos a produção das matérias com ajuda das alunas Samantha, Lala e Daniele para a matéria sobre os 20 anos de alguns cursos da instituição (texto na editoria Memória).

Na editoria Ensaio temos o relato do trabalho de pesquisa riquíssimo

com papel artesanal desenvolvido com cana-de-açúcar realizado pelo professor Leonardo Gomes e alunos do curso de Artes Visuais. As professoras Eloisa Santos e Mara Aline dos Santos estão no Espaço Docente falando de suas experiências com inclusão no mercado de trabalho e saúde mental de alunos negros.

Mesmo diante da falta de ações estratégicas, de respeito, e de políticas do governo federal para a covid-19, para a sociedade brasileira e, especialmente, para os mais pobres - e quando citamos pobres, não perdemos a referência que os negros são a maioria -, foram os movimentos negros, organizações sociais e empresariais que ajudaram a orientar a todos.

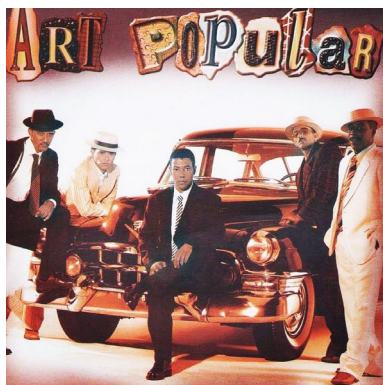
No meio desse caminho surgiram movimentos, pesquisadores e coletivos que conseguiram acender luz, luzes como foi o caso do chamado da Procuradora Valdirene de Assis para juntos planejarmos, organizarmos e executarmos o evento Afro Presença, que teve sua primeira versão em setembro de 2020 e a segunda, em setembro de 2021.

Outro momento, que consideramos um holofote que acendeu no “túnel da pandemia da covid-19” foi organizar com os coordenadores de cursos da FMU/FIAMFAAM um evento com mais de 30 ações no mês de novembro de 2020. Tudo sobre esse movimento você lê no espaço NERA.

Estamos felizes de entregar a comunidade universitária mais um número da revista Dumela que representa nossa luta pela memória, visibilidade e resistência da cultura negra.

Boa leitura!

Maria Lúcia da Silva



14

Por que ouvir

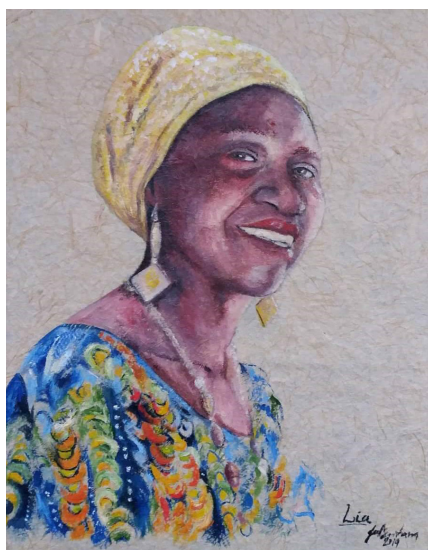
*O pagode e a memória
(afro)afetiva*



44

Memória

*É hora de soprar as velinhas: os 20 anos de nove
cursos da FMU/FIAMFAAM*



58

Ensaio

*A arte do papel
artesanal nos territórios
do bagaço da cana-de-
açúcar*

Sumário

06 Por que ler

10 Por que ver

*M8- reflete sobre morte
e ancestralidade*

16 Espaço Discente

24 Espaço Docente

28 Espaço NERA

37 Personagem

*Nabor Jr e a imprensa
negra*

40 Desmistificando

*A luta diária de
professoras no home
office*

54 Diálogos

66 Precisamos falar

*Quantos professores
negros você teve na sua
trajetória educacional?*

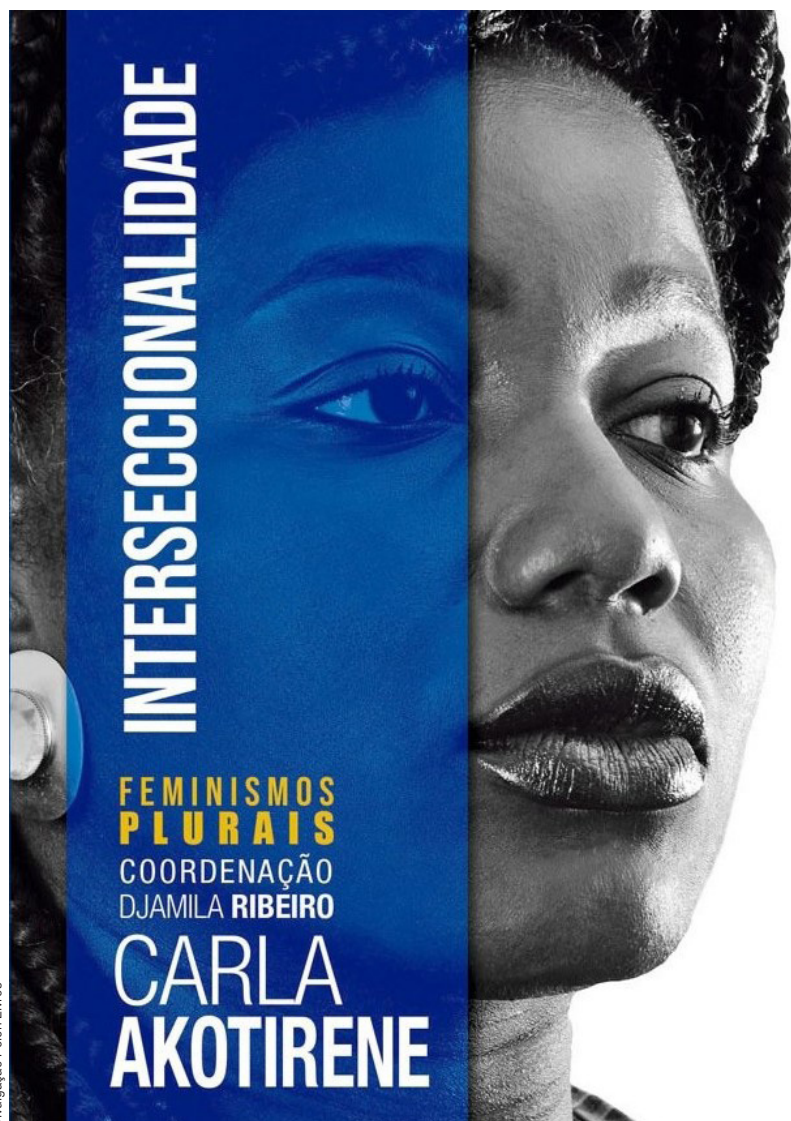
69 Reflita

*A educação física na
construção de uma
proposta pedagógica
antirracista*

Interseccionalidade na luta das mulheres negras

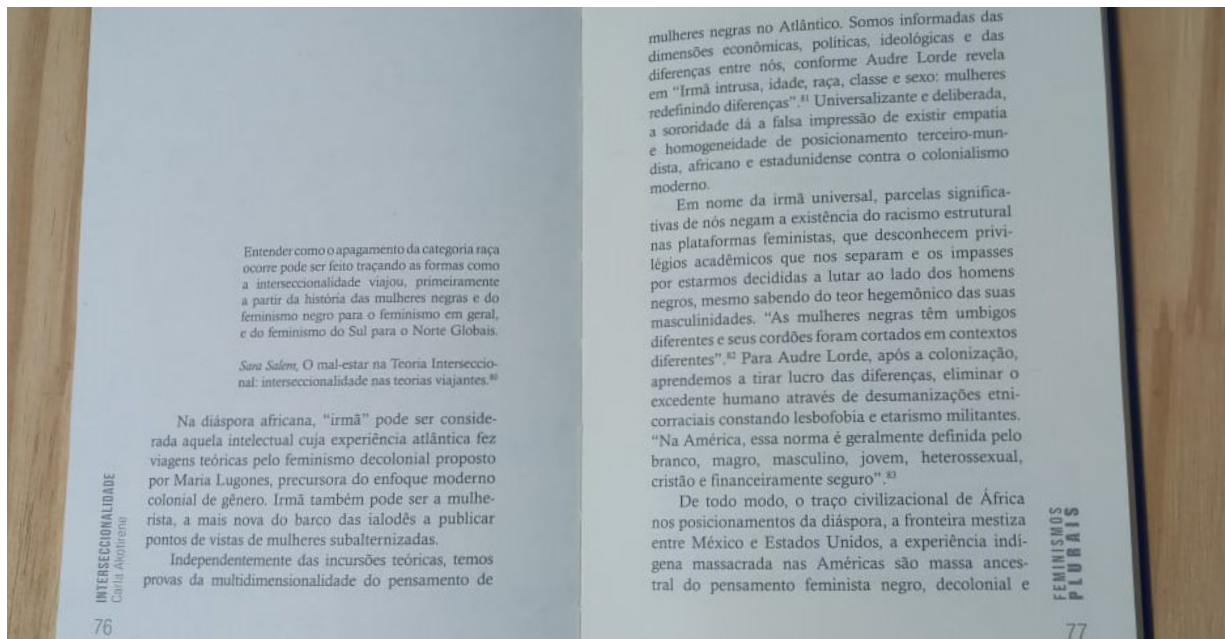
Por Mariana Lima*

Por que ler



O livro *Interseccionalidade* de Carla Akotirene faz parte da coletânea *Feminismos Plurais* coordenado pela filósofa Djamila Ribeiro e tem como propósito discutir questões raciais e de ancestralidade de uma maneira didática e acessível. Akotirene é mestra e doutoranda em Estudos de Gênero, Mulheres e Feminismos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), graduada em Serviço Social desenvolve seus estudos e pesquisas sobre racismo e sexismo institucional, concentrando-se nas penitenciárias femininas.

O livro, lançado em 2018, é composto por cinco capítulos que enunciam e discorrem sobre o fundamento, raiz e perspectiva política ligadas ao termo que intitula a obra. No capítulo inicial, “Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade”, Carla conceitua interseccionalidade como uma crítica feminista negra às leis antidiscriminatórias e que o termo foi cunhado por Kimberlé Crenshaw, uma jurista estadunidense. Pode-se dizer que tal conceito é um artifício teórico e metodológico utilizado para discutir as diferentes formas de opressão que são dialogadas separadamente, mas que necessitam ser pensadas de maneira conjunta e, dessa forma, Akotirene reconhece que todo sofrimento seja resultado de um atravessamento estrutural e, por isso,



invalida essa hierarquização existente. O segundo capítulo, “Vamos pensar direito: a interseccionalidade e as mulheres negras”, a autora discute sobre a discriminação identitária que acomete as mulheres negras, dessa forma, ela faz apontamentos sobre como essas mulheres são estigmatizadas pelos aparelhos do Estado, por serem marginalizadas e ocuparem locais tidos como perigosos. Ela chama atenção para o fato de as mulheres negras serem mais discriminadas e como isso as coloca em um local de vulnerabilidade, sendo isso consequência de um sistema que é baseado em discriminações de raça e gênero.

“Atlântico e diferenças entre irmãs: críticas ao conceito de interseccionalidade” é o terceiro capítulo da obra e traz a crítica que Akotirene direciona ao conceito. Ela traz apontamentos geopolíticos, contextualizando sobre a diáspora africana, a matriarcalidade negra, os desafios intelectuais oriundos do colonialismo moderno e de como o feminismo ocidental permanece estigmatizando mulheres terceiro-mundistas. Ela explica também que a interseccionalidade descarta análises aritmética ou de competições e

que ela pode ajudar a enxergar as opressões, pois há o reconhecimento da dor e assim combatê-las.

“A crítica de Angela Davis” é o penúltimo capítulo e é onde Akotirene traz as críticas da abolicionista penal à interseccionalidade. Ela evidencia o pensamento de Crenshaw e pontua que este atua garantindo êxitos nos chamados “feminismos carcerários” que são engajados através de um sistema punitivista e, dessa forma, é conivente ao padrão moderno colonial. No quinto e último capítulo, “Cruzar o Atlântico nem sempre encerra a travessia”, Akotirene reconhece a coragem de Crenshaw em cunhar o termo interseccionalidade e enfatiza que ela é uma dimensão prática, sendo o Atlântico o local que gera a maresia deminista durante a travessia interseccional. Ela ainda ressalta que o conhecimento deve ir além das demarcações fixadas por linhas do horizonte, mas que deve-se valer de raça, classe, território e gênero.

Ao fim, entende-se que interseccionalidade evidencia a potência do feminismo negro e que inicialmente, algo que era direcionado ao campo jurídico possibilitou que mulheres compreendessem suas relações no âmbito social. De certo,

o conceito não consegue abarcar todas as realidades, contudo, interseccionalidade é uma ferramenta de autoridade, conhecimento e luta para mulheres negras que um dia já foram silenciadas.

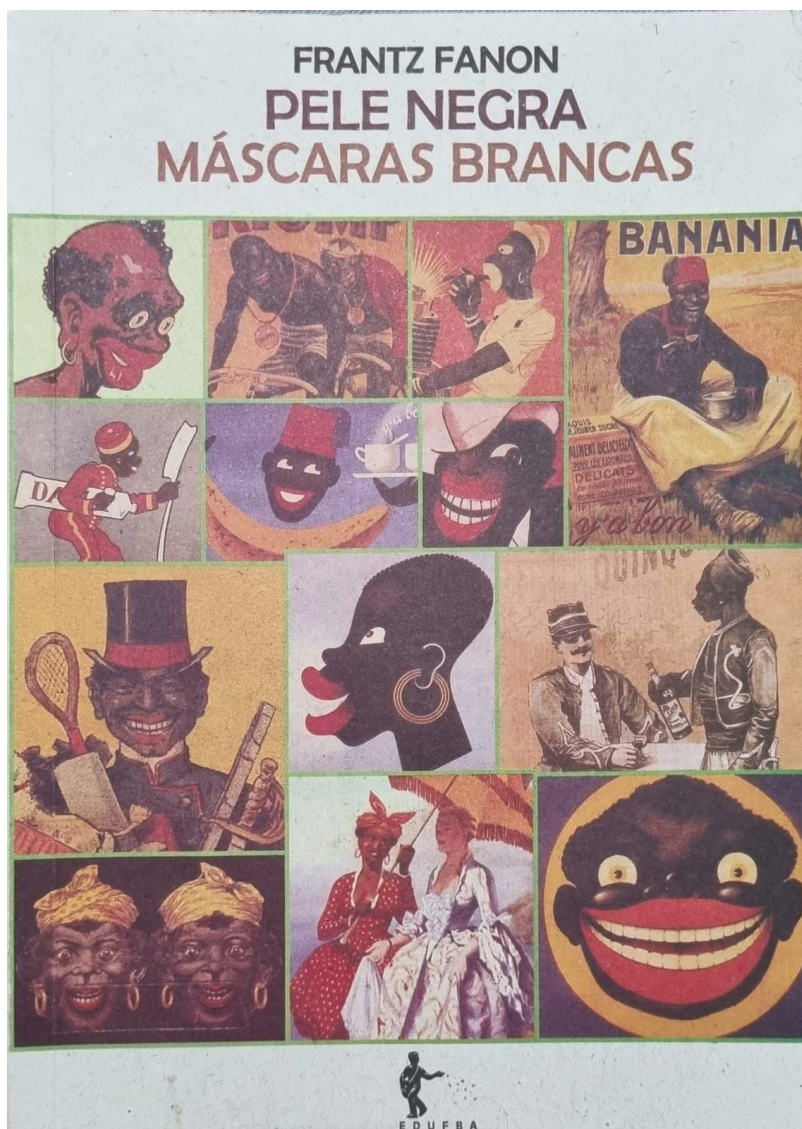


* Jornalista graduada pelo FIAM-FAAM Centro Universitário em 2021, vegana e ecofeminista animalista, acredita que através da conscientização e informação, podemos construir um mundo mais igualitário e sem opressões, onde animais humanos e não-humanos possam viver em harmonia.

Por uma revolução na perspectiva fanoniana

Por Edson Linhares da Silva*

Por que ler



Frantz Fanon foi um intelectual negro de grande destaque no séc. XX, e diferente do que muitos imaginam, não nasceu no continente africano, mas sim em Forte de France, Martinica (colônia francesa na região do Caribe) em 1925. Porém, esse revolucionário teve grande influência no rumo dos eventos políticos e teóricos da África durante o séc. XX. Seus ideais continuam extremamente importantes e de referência indispensável para os estudos pós-coloniais contemporâneos.

Outra curiosidade é que a obra "Pele Negra Máscaras Brancas", foi na realidade, sua tese de doutorado recusada em psiquiatria, devido a abordagem e o confronto com as ideias hegemônicas da época, conforme análise a seguir.

No livro "Pele Negra Máscaras Brancas", Fanon faz um diagnóstico crítico sobre o problema do colonialismo e do racismo de modo geral. No decorrer das páginas é abordado que a solução para a superação de tais questões, se dará apenas através da desalienação do negro e na superação da questão racial.

Nesse sentido, a obra nos mostra que o racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele, uma alienação que constrói o sujeito negro, representado como o protótipo de

Arquivo pessoal

uma figura pré-humana, incapaz de escapar de sua animalidade, e ao criar o negro, o branco cria a si próprio com características opostas.

Em vista disso, o negro se torna um objeto inventado pelo branco e fixado por seus gestos, olhar e suas atitudes, que advém de um mecanismo de atribuição, desse modo, para superar essa condição em posição de não ser humano, o negro se esforça para inserir na cultura branca. Fanon estabelece que o negro possui duas características comportamentais distintas, consequentes de uma ideologia colonial no que tange sua atitude ao se relacionar com um homem branco e de forma diferente com outro negro.

Isso posto, Fanon sugere que quando o homem possui uma linguagem, carrega consigo o mundo de significados e culturas que esta, implicitamente possui, exemplificando com a aproximação do negro ao homem branco na medida em que se adota a língua do colonizador como forma de se comunicar.

Sendo assim, no colonialismo, o negro não goza do benefício de viver a sua humanidade integralmente porque o racismo atravessa essa experiência e o desumaniza, ser negro nessas condições, já é uma posição de inferioridade, ele deixa de ser um humano universal e passa a ser apenas negro, algo específico e adjetivado.

Contudo, a dialética fanoniana de crítica ao racismo e ao colonialismo, não tinha como horizonte a igualdade entre negros e brancos, mas sim, a destruição desse signo ideológico, político e racial que configura uma hierarquia com base na cor da pele. A busca constante do autor é de desestruturar as relações sociais concretas que realizam a animalização do sujeito negro, e para uma saída efetiva é necessário dismantelar toda a sociedade de forma objetiva e subjetiva, que dá o fundamento a essa problemática.

Entretanto, em nenhum momento Fanon nega a importância da compreensão de raça, visto que, a obra é um estudo sobre as várias dimensões do racismo e do colonialismo. Todavia, para desracializar, não basta apenas negar a categoria negro, pois ela continua operando objetivamente nas relações sociais do dia a dia. O autor não rompe com a posição de identidade, apenas adverte sobre o risco de um essencialismo que se observa nos movimentos nacionalistas anticoloniais e de negritude que ocorriam no continente africano.

Portanto, Fanon não cai na armadilha desse essencialismo, até mesmo porque, esse problema era sua preocupação e sempre se manifestou sobre focalizar a exaltação do negro em dimensão cultural, histórica, teórica..., e por consequência, não dar respostas práticas de emancipação e destruição do sistema colonial e racial.

Para finalizar, a denúncia do racismo e do colonialismo para Fanon, é para afirmar um humanismo revolucionário, é pela conquista do reconhecimento da essência humana e não de uma suposta natureza negra. Fanon nos lembra que quem criou o negro foi o branco e por esse motivo a cautela, tal resistência não é negar o que foi criado, mas sim o horizonte de libertação ser esse foco de criação, consequentemente, perde-se a perspectiva de ser humano universal, permanecendo uma invenção da pele negra com máscaras brancas.



*Docente de sociologia, licenciado em Ciências Sociais - FMU turma de 2019

Arquivo pessoal

Por que ler

Do passado ao presente: M8 recupera relação perdida com nossas histórias

Por Leticia Castor*

Por que ver



Divulgação/Vantoen Pereira JR

Reprodução/Mariana Nunes e Juan Paiva em cena do filme "M8 - Quando a morte socorre a vida"

Para a Umbanda, a morte é compreendida como uma fase, uma transição em que o espírito da pessoa será encaminhado para uma esfera de acolhimento emocional. Mas, para que esta passagem seja possível, é preciso de um ritual fúnebre, um símbolo do fechamento daquele ciclo.

Esta é uma das premissas de “M8 - Quando a morte socorre a vida”, dirigido por Jefferson De em 2019 e lançado recentemente no catálogo da Netflix. O longa conta a história de Maurício, um jovem negro da periferia do Rio de Janeiro que acaba de ingressar na Universidade Federal

de Medicina.

Embora negro e fruto direto da luta de seus antepassados - pelo fato de estar na universidade graças a política de cotas, por exemplo -, Maurício não é o espelho da militância fervorosa que estamos a ver em filmes sobre a negritude.

O diretor conta que teve como grandes mentores nomes como Spike Lee e Jordan Peele, com seus longas mais recentes que gritam a dor e a violência do racismo em cada frame. Já ele optou por um caminho diferente. Mais silencioso, por assim dizer.

O racismo em M8 também está presente o tempo todo. Na faculdade, repleta de jovens brancos da zona sul do Rio de Janeiro, com seus carrões que contrastam com a comunidade em que Maurício reside, revelada quando ele ganha carona dos novos amigos. Seus amigos gostam de suas músicas, sua estética; a branquitude (ou, ao menos, parte dela) realmente quer estender o braço e oferecer suporte na luta diária do protagonista contra as agressões que ele é obrigado a enfrentar, mas falham continuamente em entender a dimensão do que os separa.

Desde professores com discursos eugenistas, racismo velado de colegas de classe, e por aí vai. Maurício é jovem e sonha em ser médico. Isso é tudo que importa. Importa de uma maneira que quase o cega em relação ao mundo que está estourando ao seu redor. *Quase.*

Nós, junto do protagonista, vemos a manifestação de mães em busca de seus filhos pretos desaparecidos dia após dia. O desconforto é mútuo, mas nos basta aguardar e ver o que esta situação irá ou não despertar no jovem acadêmico.

Após conhecer M8, o corpo imerso em formol de um jovem negro que

está na faculdade para estudos de anatomia, Maurício se conecta com ele, sem mesmo saber seu nome. “M8” é apenas seu código de identificação, mas no papel, ele era só um indigente. Um corpo sem nome, sem história, um mero objeto de estudo.

Preto. Um objeto de estudo preto, assim como todos os outros na prestigiada universidade.

Pesadelo após pesadelo com M8, Maurício começa a entender que aquela conexão não era em vão. Ele queria, ou melhor, *vv* lhe dizer algo. Mas quem é que entende os mortos? Aqui entra a maior beleza do filme, a relação com o espiritual. Cida, mãe do protagonista, interpretada por Mariana Nunes com uma força que domina nossos olhares sempre que entra em cena, é umbandista devota. Convida o filho a participar das cerimônias, que nega constantemente.

Um futuro médico se apegando a tais credences? Jamais. Ao menos, é o que Juan Paiva transparece em uma sutil atuação. O Maurício interpretado por Juan é delicado, às vezes, até demais, no bom sentido. O contexto em que ele vive, o passado que ele carrega consigo, nada disso é ou foi delicado. Mas de alguma forma, gerou um jovem que, ainda que viva o racismo diariamente, não se transforma em uma caricatura de ódio e vingança. Maurício só quer, como muitos, sobreviver.

Eventualmente, ele aceita o convite e permite, pela primeira vez, que sua vulnerabilidade venha à tona.

Destaque para os closes no terreiro de Umbanda, nos artefatos, adereços, no contraste de luz e sombra da fotografia que capta a beleza e mais, a ancestralidade daqueles rituais. As cores escuras e acolhedoras daquele local passam exatamente o que ele significa: o sagrado.

No terreiro, na faculdade, nas praias, nos sonhos: a visão M8 continua presente. Ele tem um pedido a fazer, basta escutar. E esta escuta é uma jornada. Uma jornada difícil e, principalmente, enigmática. Mas que, com toda a certeza, merece ser vivenciada.



Arquivo pessoal

* Graduada em Jornalismo pelo FIAM-FAAM Centro Universitário. Já colaborou para revistas como Empodere e Portal Geledés: Instituto da Mulher Negra e busca sempre empreender em trabalhos socioculturais dentro da comunicação.



Reprodução/YouTube Paris Filmes

Dois Estranhos é mais uma produção que ilustra como o racismo mata

Por Mariana Lima*



Divulgação/Netflix

Vencedor do Oscar em 2021 na categoria de curta-metragem, *Dois Estranhos* (*Two Distant Strangers*) deixa explícita uma realidade triste e revoltante. Além de uma pandemia, o ano de 2020 trouxe uma outra ótica sobre as desigualdades sociais e como as vidas são impactadas por estas. Dia 25 de Maio de 2021 faz um ano que George Floyd foi brutalmente assassinado por um ex-policia. A trágica morte de Floyd foi como faísca para gerar inúmeros protestos contra o racismo e a violência policial. O movimento **#BlackLivesMatter** ganhou força quando milhares de pessoas saíram para protestar por respeito pelas vidas de pessoas pretas.

A história dirigida por Travon Free e Martin Desmond Roe traz de maneira alegórica o reflexo da nossa sociedade racista e que diariamente se mostra mais opressora. *Dois Estranhos* visivelmente foi uma homenagem não só a Floyd, mas a todos que já foram vítimas do racismo. Ele acompanha um único dia na vida de Carter (Joey Bada\$\$) que após um primeiro encontro com Perri (Zaria Simone) precisa voltar para casa, pois seu cachorro está há muito tempo sozinho, contudo, Carter está preso em loop temporal em que todas as vezes que acorda e sai a caminho de casa, é morto pelo

Reprodução/Netflix



policia! Merk (Andrew Howard). Em todas as vezes que Carter tenta voltar para casa, é abordado de maneira abusiva, estúpida e sem nenhum motivo acaba morto pelo policia!. A reflexão de *Dois Estranhos* vem como um soco no estômago, fazendo o espectador ter dúvidas até se quer continuar assistindo ao filme. É difícil de digerir, doloroso e assustador saber que milhares de pessoas vivenciam cenas como aquelas, mas sem a possibilidade de tentar novamente. Com a intenção de causar desconforto, somos confrontados por 32 minutos de uma realidade que muitas pessoas nunca saberão o que é e outras tantas sabem muito bem. O curta mostra um dos comportamentos do racismo estrutural e como o abuso de poder é utilizado em diversas circunstâncias. Carter tenta mais de cem vezes sair desse loop e em todas ele é assassinado. De todas as mortes de Carter, duas são extremamente impactantes e significativas. Recriar e, conseqüentemente, reviver o terror que George Floyd passou ao

gritar inúmeras vezes “não consigo respirar” e ver a poça de sangue ter a forma da África quando baleado faz o espectador ficar ainda mais reflexivo acerca de todas as injustiças conhecidas e tão difíceis de serem combatidas. Por fim, a produção da Netflix faz um gancho com o movimento “*Say Their Names*”, em tradução literal “Diga Seus Nomes”, que lista os nomes de pessoas negras mortas pela violência policia! nos Estados Unidos e a maneira como foram assassinadas.

Rico em gatilhos emocionais e com um tema tão urgente, necessário e incômodo, *Dois Estranhos* nos deixa pensando em como podemos quebrar a engrenagem do racismo e viver em uma sociedade que não seja pautada em punitivismo, opressões e desigualdades sejam elas quais forem.



Arquivo pessoal

* Jornalista graduada pelo FIAM-FAAM Centro Universitário em 2021, vegana e ecofeminista animalista, acredita que através da conscientização e informação, podemos construir um mundo mais igualitário e sem opressões, onde animais humanos e não-humanos possam viver em harmonia.

O pagode e a memória (afro)afetiva

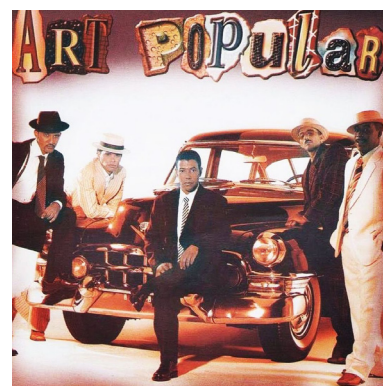
Por Nathália Geraldo*

Por que ouvir

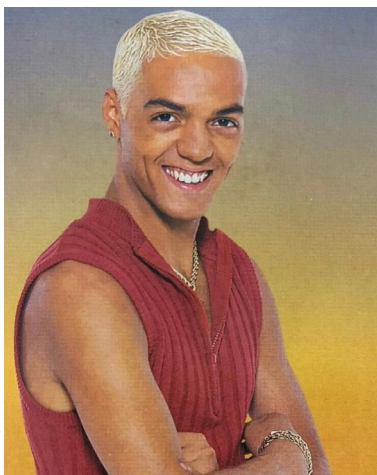
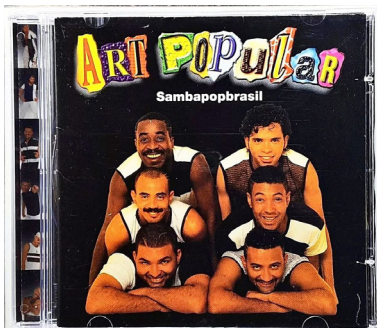
Há fenômenos culturais, principalmente os que circulam sob a lógica hegemônica do mercado fonográfico, que se tornam objetos de análises mais intrigantes e fascinantes à medida que nos distanciamos do momento em que eles foram consumidos de forma massificada. O pagode dos anos 1990 é um deles. Presente na memória (afro)afetiva de parte da população brasileira que ouvia rádio ou assistia a programas de TV naquela época, o pagode é revisitado, admirado e, de certa forma, reprogramado por artistas novos e consagrados 30 anos depois do midiático que levou homens jovens, em sua maioria negros e periféricos, à grade das emissoras FM e às tardes de domingo brasileiras. O pagode não sai de cena. O retrovisor histórico nos permite enxergar que, quando os pagodeiros estavam no auge do sucesso, havia problemáticas que não eram discutidas, ou, pelo menos, não com tanta eloquência como vemos hoje. Não estavam em pauta questões como a ausência das mulheres nesse círculo e os desdobramentos da ascensão social desses artistas ou críticas à leitura com viés racial que fez com que parte da imprensa especializada sempre rotulasse o pagode como uma “diluição do samba”. Para se compreender as cartadas da

indústria fonográfica no Brasil, é indispensável reconhecer o racismo, o machismo e as opressões sociais a que determinados grupos são submetidos. O convite aqui, então, é para não só ouvir o pagode que já foi feito ou que está sendo feito; mas, sim, para um exercício de *como* ouvir o pagode, música negra brasileira surgida em fundos de quintais e bares periféricos, que virou um produto de entretenimento de inegável dimensão e legado – se foi criado um evento como o “Tardezinha”, do cantor Thiaguinho, só com clássicos do pagode, por exemplo, é porque muitos intérpretes e compositores pavimentaram a estrada do reconhecimento do estilo musical pelo público. A observação de quais agentes e elementos culturais orbitavam na popularização da música vale para se ter a dimensão de como pagodeiros e pagodeiras são posicionados (ou não) no mercado ao longo dos últimos tempos. Por isso mesmo, a questão de gênero no pagode também é latente, visto que a ascensão dos pagodeiros há 30 anos se deu sobre o pilar do patriarcado, sem muita margem de manobra para as mulheres entrarem na roda. Acontece que se naquela época as pagodeiras que chegaram no mesmo patamar de visibilidade na mídia eram poucas e, sobretudo,

mulheres brancas, como Eliana de Lima e Adryana Ribeiro (do grupo Adryana e A Rapaziada), hoje, ecoam vozes negras como as de Marvvila, Ludmilla e Andressa Hayalla e rodas de samba femininas, como do grupo Entre Elas. Se não consolidam ainda um movimento que possa ser chamado de “femigode”, como aconteceu há poucos anos com o “feminejo”, das cantoras sertanejas, têm potencial para redimir o silenciamento a que gerações de mulheres negras foram submetidas, tornando o pagode muito mais interessante, por ser plural.



Divulgação/Instagram



Ao revisitar a produção de Art Popular, Soweto, Exaltasamba, Raça Negra, Sem Compromisso, Katinguelê, Adryana e a Rapaziada, entre tantos outros grupos, é interessante notar os sujeitos, os silenciamentos e os interesses que estavam em jogo, para além dos elementos que constituem o pagode como *canção*—entre eles, a “linguagem universal” pela temática de amor, a facilidade de ser reproduzida (ser assobiável) e a estética *pop* predominante, principalmente pelas diretrizes comerciais das *majors*. Entender o contexto do pagode anos 1990 ajuda a mapear as dinâmicas raciais que atravessam a cultura brasileira.

Existe, por exemplo, um nível maior de tolerância em relação ao homem negro que é artista em determinados espaços de *status* social que não existe quando ele não está no palco, algo enraizado na noção de superioridade da branquitude.



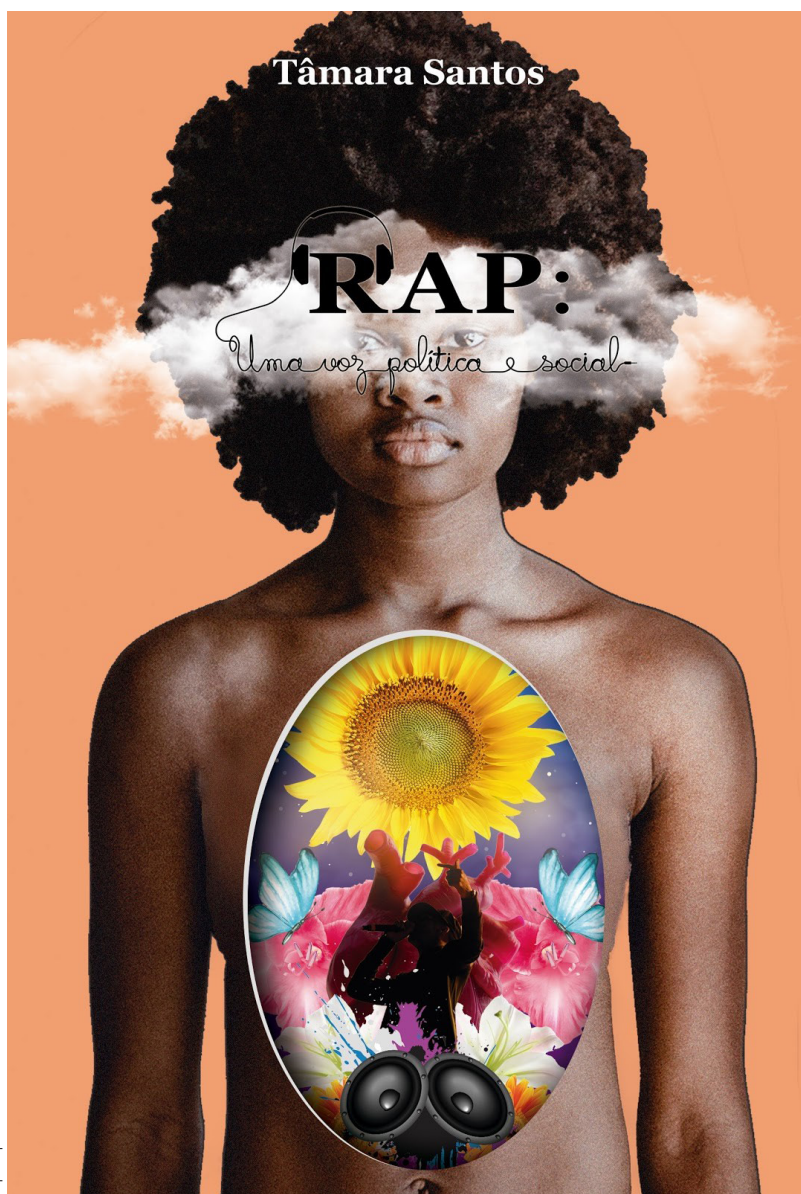
Também se alarga a assimilação da música produzida por negros pelo mercado fonográfico quando ela não traz embate discursivo, denúncias de desigualdades sociais e raciais ou protestos. Isso significa que não foi à toa que naquele determinado momento, com aqueles determinados agentes, o pagode avançou e conquistou o Brasil.



* Jornalista e pós-graduada em Cultura, Educação e Relações étnico-raciais pela USP. Autora do artigo “*Machismo e racismo na música: as mulheres negras no pagode anos 1990*”.

Pandemia, ansiedade e TCC não combinam

Por Tâmara Santos*



Tâmara Santos

'RAP:
Uma voz política e social

“Durante os três anos que antecederam ao ano final do curso de jornalismo, o qual eu cursei, eu passava mal só de imaginar como seria o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Lembro-me de alguns trabalhos que realizei para evoluir de semestre que foram tão cheios de exigências e fases...só conseguia imaginar que o TCC seria bem pior, mas não foi. Não mesmo.

O fato de ter levado todo o estudo bem a sério, de ter me comprometido com as atividades e a proximidade com os professores, foram fatores positivos para conseguir fazer bem o trabalho e sem sofrimentos.

Outro fator que influenciou de maneira positiva foi ter feito Iniciação Científica. Com o projeto “A conexão entre sociedade e arte no discurso do rap” pude aprender como fazer pesquisas e artigos acadêmicos e isso, me ajudou bastante. O que não ajudou em nada e que trouxe muita insegurança foi a pandemia.

O trabalho

Durante os anos de estudo fui desenvolvendo o meu interesse sobre o rap e o seu discurso. Quando cheguei ao último ano, o mais difícil foi lidar com o fato de não ter autorização para fazer um documentário sozinha ou trabalhar com um tema que não

“Após ter minhas verdades quebradas, adicionei o Rap à minha vida. Descobri que na faculdade o estilo musical é bastante comum e aproveitei para tirar o atraso e aprender tudo que podia. Para minha surpresa, escutar e debater o tema não foram suficientes, eu precisava entender como o estilo musical considerado marginal chegou à academia, fez dos rappers especialistas para a grande mídia e porta-vozes para as mazelas sociais.” – Capítulo 1 do livro Rap: uma voz política e social, de Tâmara Santos

gostava com amigos. Assim, para continuar com o tema optei por fazer um livro-reportagem.

Hoje, após o trabalho concluído, o livro *Rap: uma voz política e social*, acredito que ficar com o meu tema e abandonar o formato foi a melhor escolha. Bom, acredito que já deu para perceber que sou ansiosa e entre o quarto e o quinto semestre, escolhi minha orientadora. Pensei em alguém que fosse me provocar a ponto de querer sempre fazer o meu melhor e escolhi a Carla Tôzo. Outra decisão acertada porque formamos um bom time e não tivemos problemas com os prazos e entregas.

Com a orientadora, o tema e o formato fechado, faltava apenas o tipo de livro. Esse foi mais complicado e me rendeu algumas críticas da banca. Eu sempre quis fazer algo com o formato literário e me aproximar dos temas que gosto tanto, porém, não sei escrever um verso que traga algo lírico ou poético. A Carla me orientou a ir para a narração, a não olhar o livro inteiro (atacava a minha ansiedade) e trabalhar por capítulos.

Busca pelas fontes

Com um mês para o semestre começar, eu já estava disparando os e-mails para conseguir as minhas fontes. Com o livro roteirizado,

sabendo o caminho que gostaria de percorrer e com as fontes definidas, foi fácil andar sozinha. Ah! Quase todo mundo odeia ou não quer ir para assessoria de imprensa, mas sabe quem tem contatos? Nós! Não foi difícil chegar as pessoas e, assim eu consegui: Unicamp, Jupat, Roger Deff, Roberta Estrela D’Alva, Mc Soffia e Criolo. O meu livro contou também com presenças ilustres, ainda que não sejam famosas, da Edilaine Felix, da Carol Thiere, Wagner Titto e do Matheus Mazza que foram personagens de suma importância para contar a minha história.



Criolo

Criolo é o responsável por despertar o interesse da autora pelo RAP ao ver um professor do cursinho pré-vestibular com uma camiseta do artista. Aquela imagem ficou na sua cabeça e a fez procurar por “homem - nuvem - olhos / pesquisar” no Google que a guiou até a música Ainda há tempo

Acredito que de tudo, o mais difícil foi lidar com a insegurança – que foi totalmente acentuada com a pandemia – algumas vezes, ainda que tenha enviado o livro antes do prazo, não conseguia nem dormir. Depois do projeto entregue, não gostava nem de lembrar e tudo que pensava era negativo. Acredito que se estivesse presencialmente, com os meus professores e colegas, não me sentiria assim. O fato de ter uma piada entre uma ansiedade e outra, de ter uma conversa de corredor, me traria mais tranquilidade. O dia da banca chegou, e eu, que

jurava que estaria de salto e toda linda, estava bem longe disso! Mas aos primeiros apontamentos da banca, eu era outra pessoa, como uma mãe eu diria. Defendi meu filho com unhas e dentes, respeitei, mas nem sempre concordei e terminei a minha tão suada e desejada graduação como eu queria, com o dez.”



Arquivo pessoal

* Jornalista graduada pelo FIAM-FAAM Centro Universitário. Atualmente, trabalha como assessora de comunicação na área da saúde e atua como repórter no Portal Emformação. Moradora da Cidade Tiradentes, extremo leste de São Paulo, traz no seu texto a inclusão das minorias buscando promover diversidade e representatividade.

Henrique Santos (Odonorque)

Como “Afrofuturo: Pretos Que Mudam Seus Mundos” mudou o meu

Por Pedro Henrique Ribeiro*

Espaço Discente



Arquivo pessoal

“Em uma sociedade dominada por políticas eurocênticas, um movimento surge para resgatar a ancestralidade e garantir que as próximas gerações de afrodescendentes tenham um lugar no futuro.

O afrofuturismo foi criado em um contexto de ficção científica, mas em pouco tempo se mostrou universal dentro da cultura afro-diaspórica. Grandes nomes da comunidade negra em todo o mundo provaram que essa utopia é possível, e hoje podemos enxergar essa verdade na vida de pessoas comuns. Um cabeleireiro da zona sul de São Paulo e um pintor norte-americano de renome têm o mesmo poder de promover mudanças e de garantir a continuidade de seu povo - do afrofuturo.

Conhecer o passado, pensar o presente, planejar o futuro. Esses são os principais passos para o afrofuturismo - e eu aprendi isso com o meu trabalho de conclusão de curso. Em dezembro de 2019, véspera do meu primeiro semestre de TCC, aproveitei para escolher um tema que estivesse mais conectado comigo e encontrei uma alternativa no afrofuturismo. Essa produção me reconectou com a minha ancestralidade e me fez pensar em alternativas para o futuro da população preta.

Para escrever esse livro-reportagem, preparei uma lista com 15

personalidades negras que acreditei serem as mais experientes para falar sobre o afrofuturismo e necropolítica. Dessas, seis aceitaram, e no final, apenas três me deram entrevistas. Precisei correr contra o tempo para encontrar as fontes que substituíssem os que se recusaram a participar e os que sumiram no meio do processo, mas no final eu consegui.

“Essa releitura da história africana e afro-diaspórica permite o resgate de um passado negado a gerações e também abre espaço para a desconstrução de um presente distópico e nocivo a todos. Com isso, entende-se que o afrofuturismo têm a possibilidade de redesenhar o futuro das comunidades negras através das perspectivas e dos anseios coletivos desse grupo, em especial no aspecto de sobrevivência e resistência cultural.” – Introdução do livro Afrofuturo: Pretos que mudam seus mundos, de Pedro Henrique Ribeiro

O contexto da pandemia foi extremamente importante para a produção dessas narrativas. Como jornalista aprendi o que fazer e, principalmente, o que não perguntar em uma entrevista. Afinal, não é apenas de acertos que nosso conhecimento é moldado. Os vários tropeços que dei no início da pesquisa me ajudaram a fechar as entrevistas e apurações com chave de ouro, e compensar as lacunas que podem ter surgido nos primeiros capítulos.

O primeiro capítulo se chama **“Navalhas”** e conta a história de dois barbeiros negros da cidade de São Paulo - um da zona norte (Ariel Franco) e outro da sul (Renato Oliveira). Esse capítulo foi marcado pela única entrevista pessoal que fiz para o livro. Visitei a barbearia de Ariel e pude experimentar um pouco do jornalismo na rua. Infelizmente isso não se repetiu ao decorrer da investigação por causa da covid-19.



contei novamente com a colaboração do professor Juarez para descrever melhor esse cenário da política de morte no Brasil.”

O livro **“Afrofuturo: Pretos Que Mudam Seus Mundos”** pode ser baixado gratuitamente através do site: <https://fiamfaam.wixsite.com/afrofuturo>.

Ilustração/Lucas George



Arquivo pessoal

O segundo capítulo ganhou um ar mais imersivo e recebeu o nome de **“Afrotopia”**. Nele, conto como a escravidão dos povos africanos criou a diáspora negra e explico, a partir disso, o surgimento do movimento afrofuturista. Conversei com um artista jamaicano chamado Paul Lewin e com o professor de jornalismo da Unesp Juarez Xavier para refletir a partir de pontos de vista especializados.

No capítulo de número três, **“Oceano”**, conversei com a dançarina e professora Joceline Gomes - uma dos que aceitaram e mantiveram o compromisso da entrevista - e com o crítico de arte e jornalista Miguel Arcanjo Prado para falar sobre o espaço dos negros na arte e entender como se dá o movimento afrofuturista no teatro e na dança. Além disso, aproveitei para falar sobre a criminalização da cultura afro-diaspórica pelo mundo.

O quarto e último capítulo se chama **“Maafa”**, palavra em suaíle para definir o holocausto do povo negro. Nessa parte do livro, falo sobre o desenvolvimento da necropolítica no Brasil e como ela põe em risco os projetos para o Afrofuturo. Entrevistei a ativista do movimento negro e de moradia Preta Ferreira e

* Jornalista de Guaianazes (ZL) graduado pelo FIAM-FAAM Centro Universitário, co-fundador do coletivo de jornalismo Aldeia Latina, com passagens pela Band, Rádio Alesp e UOL.

Políticas públicas para emancipação juvenil

Por Rafaela Clíce*



Arquivo pessoal

“No ano de 2016 eu adentrei aos quadros da faculdade de Direito das Faculdades Metropolitanas Unidas carregando um sonho e uma bandeira. O sonho, contribuir para a construção de uma sociedade melhor. A bandeira, a representação daquilo que sou: mulher, jovem, negra, periférica, nordestina e bolsista.

Cinco anos se passaram e quando chegou a hora de sustentar minha produção científica eu tinha que mostrar o que eu carregava e o quanto eu tinha me tornado a partir da minha base: a escola pública.

Foi então que, por orientação do Prof. Dr. Luiz Eduardo Alves de Siqueira, a quem sou eternamente grata, eu retornei ao meu lugar de origem para estudar as políticas públicas de emancipação e construção do protagonismo da juventude negra no ensino médio, com vistas a constatar a efetividade do direito à educação quando pensado sob os vieses de classe e raça.

O estudo levantou questões basilares acerca da essência da prática educacional correlacionada ao contexto de desigualdade racial em que estão inseridos os/as jovens negros/as na periferia, de forma que, para que fosse possível entender as consequências de um plano educacional que não aprofunda as questões raciais e de classe

na escola pública, foi necessário, primeiramente, se fazer um resgate histórico do conceito de educação e como esse fenômeno passou a ser pensado como um direito humano, para, após, se buscar na história a forma como se deu a sua positivação nos instrumentos normativos e, por fim, ler as entrelinhas e enxergar como ele foi, de fato, exercido pelo povo negro no Brasil.

Enquanto eu lia e escrevia para o artigo também realizava entrevistas com professores, alunos e ex-alunos das escolas públicas estaduais na cidade de Guarulhos/SP, em busca de saber a quantas anda a política educacional direcionada à juventude negra no ensino médio, o que me rendeu um conhecimento inenarrável sobre questões que vivenciei enquanto estudante e que nunca enxerguei por diversos fatores, dentre eles, a falta de conhecimento crítico à época – o que é justificável, já que o sistema não permitia e ainda hoje cria muitas barreiras para sua difusão; e porque ouvi a narrativa vinda de professores e professoras geralmente invisibilizados nas salas de aula absurdamente lotadas e de alunos que em geral sequer são levados a pensar acerca das perguntas que eu havia preparado para as entrevistas.

"O estudo levantou questões basilares acerca da essência da prática educacional correlacionada o contexto de desigualdade racial em que estão inseridos os/as jovens negros/as na periferia, de forma que, para que fosse possível entender as consequências de um plano educacional que não aprofunda as questões raciais e de classe na escola pública."

Nesse sentido, em meio às dificuldades de realização de pesquisa de campo remotamente e em um contexto pandêmico, em que os professores estavam atolados de demandas em

razão das aulas à distância e do isolamento social ter me impedido de visitar as escolas para entrevistas pessoais com os alunos, o resultado da pesquisa foi alcançado e conseguiu abrir meus olhos e o de quem a lê para uma realidade escancarada e propositalmente ignorada pela sociedade e pelas estruturas públicas: a existência e reprodução da discriminação racial e desigualdade social nos ambientes educativos e a propagação da marginalidade e exclusão da população negra como um projeto político de manutenção do poder hegemônico.

A arguição da banca, ainda em formato remoto e composta pelo Prof. Dr. Luiz Eduardo Alves de Siqueira (orientador) e pelos professores Máira Feltrin e George Atlas, ambos da Faculdade de Direito da FMU, foi enriquecedora. Os professores tocaram em pontos cruciais da pesquisa que muito me provocaram e fizeram com que todo o trabalho despendido fizesse mais sentido e se mostrasse ainda mais necessário.

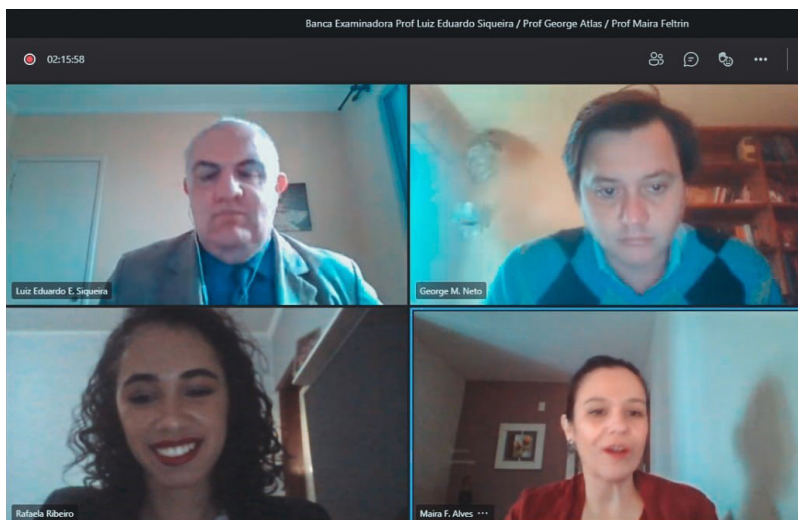
Por tudo isso, é necessário retornar às raízes de nossas formações para ver e julgar o que, talvez em razão de nossa inexperiência à época, não tomamos ciência e apropriação. É necessário estar na universidade sem se esquecer da escola pública, lugar de formação dos atores sociais, da cidadania e da democracia.

Termino esse depoimento aproveitando a fala de um professor entrevistado que disse “acreditar na escola pública porque ela é potência”, para dizer que esse trabalho me ensinou algo muito maior: que a escola pública além de potência, é resistência. É casa. Lugar de encontro e crescimento. E eu espero que nunca deixemos de lutar por ela”.



Arquivo pessoal

* Bacharel em Direito pela FMU em 2021, pesquisadora na área dos Direitos Humanos, com enfoque nas questões raciais e de classe, e autora do artigo “Direito à educação e emancipação juvenil: um olhar sob a perspectiva da desigualdade racial”.



Arquivo pessoal

Memorial da Cultura Negra

Por Chiara Moretto*

“O memorial da cultura negra, meu projeto apresentado como trabalho final de graduação em dezembro de 2020 no curso de arquitetura e urbanismo, foi resultado de um descobrimento sobre a presença negra no bairro da Liberdade, em São Paulo.

Em 2018, iniciei minha pesquisa de iniciação científica tendo como tema os inventários do IGEPAC-SP na preservação do patrimônio construído, onde foi dado ênfase ao IGEPAC do bairro da Liberdade devido à diversidade em seus usos e apropriações, reflexo da ocupação urbana ao longo da história da cidade.

Dessa forma, pude pesquisar mais a fundo a respeito da formação e desenvolvimento do bairro e descobrir sobre a história negra em sua construção no período escravocrata, até então desconhecida para mim, apesar de já conhecer o local e frequentá-lo. Foi nesse período em que eu comecei a entender que a arquitetura ia muito além do que apenas projetar edifícios, consistia também em ajudar a escrever a história da cidade.

Entender o processo da formação do bairro, suas transformações urbanas e identitárias e o reflexo dessa construção no contexto atual foi um desafio, principalmente por envolver a preocupação e sensibilidade de

eu como mulher branca, tentar compreender qual era meu papel na luta antirracista.

Para tanto, busquei me aprofundar mais na questão racial e me inscrevi no curso “Raça e Cidade”, onde tive a honra de assistir a participação de Abílio Ferreira, ativista do movimento negro, jornalista e coautor do livro “Tebas: um negro arquiteto na São Paulo escravocrata”, me aprofundando mais a respeito das narrativas sobre as cidades brasileiras a partir da memória de resistência dos povos negros, os mitos de origem, espaços de resistência, memoriais e racismo em nossa sociedade.

Estudar sobre a história negra na

construção das nossas cidades me fez refletir sobre o apagamento histórico da contribuição não branca para o desenvolvimento desse país, do apagamento da memória referente à história e cultura negra, seja através da demolição de espaços significativos para essa comunidade, das narrativas de outros povos que se sobressaem no imaginário popular deixando a presença negra de lado e de como a memória é um espaço de disputa, onde povos com maior influência política e econômica são sempre mais valorizados. Dessa forma, procurei desenvolver um projeto com o objetivo de reconhecer, valorizar e preservar a história e cultura afro-brasileira através de

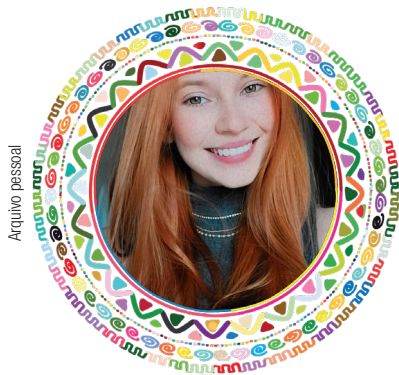


MEMORIAL DA CULTURA NEGRA
LIBERDADE-SP

Arquivo pessoal

um espaço que contasse sobre a história negra no local, além de propor também a integração social no âmbito da arquitetura urbana através de espaços de permanência e interação.

Abraçar esse assunto como tema de TCC, me fez entender sobre a necessidade do debate acerca da luta contra o racismo que vem sendo travada há centenas de anos e que ainda há muito a se conquistar. Tratar sobre os lugares de memória, apesar de não ser uma ação direta de reparação dos sujeitos, acredito ser um importante reconhecimento do protagonismo negro na construção das nossas cidades, pois a história negra vai muito além da escravidão, a população negra brasileira e seus merecidos créditos a partir de visões positivas sobre a história de luta desse povo precisam ser reconhecidas e valorizadas, combatendo o preconceito e racismo através da educação de valorização e respeito à diversidade cultural e racial brasileira, nos deixando em alerta sobre os processos de redefinições territoriais que definem no presente quem é desejável como presença e como símbolo de determinados espaços na cidade”.



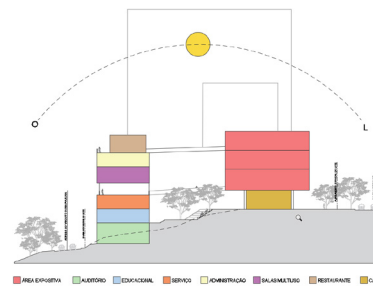
* Egressa do Curso de Arquitetura e Urbanismo do FIAM-FAAM Centro Universitário, atua na área desde então como arquiteta em escritório próprio.



Sinalização de "lugar de memória" na Praça da Liberdade. 2019



Projeto Memorial da Cultura Negra e entorno imediato



: Corte esquemático da distribuição do programa



Medium.com

Arquivo pessoal

Arquivo pessoal

Legado do evento Afro Presença

Por Eloísa Gabriel dos Santos*

O ano de 2021 continua sendo atípico como foi 2020, em decorrência da pandemia do coronavírus, porém vem consolidando novas formas de atuarmos e desenvolvermos nosso trabalho docente com novas parcerias e novos olhares.

Uma dessas articulações que destaco aqui como docente do curso de Serviço Social da FMU, através do NERA, foi participar da Coordenação Acadêmica do Afro Presença, realizado gratuitamente e totalmente de forma online nos dias 08, 09 e 10 de setembro, tendo como propósito: inclusão, ascensão e capacitação de universitários, negros e negras em postos estratégicos, mando e gestão. Promovendo o debate com o poder público, setor privado e organizações nacionais e internacionais, o evento contou com cinco trilhas: sociedade em debate, mercado em debate, carreira em debate, vitrine de oportunidades e conferência dos movimentos negros.

Destaco a Conferência dos Movimentos Negros, que participaram do processo ativamente, desde as Conferências Livres, que ocorreram no mês de julho com representantes de vários grupos de todas as regiões do Brasil, até chegarem articulados com propostas e demandas sobre educação e trabalho no evento do Afro Presença.

CHAMADA PÚBLICA
às entidades dos
movimentos negros
do Brasil

**CONFERÊNCIA LIVRE
DOS MOVIMENTOS NEGROS**

Estão abertas as inscrições para as Conferências Regionais que discutirão ações afirmativas na educação e no trabalho, preparatórias da **Conferência Livre dos Movimentos Negros** que ocorrerá durante o **Afro Presença - 2021**. Texto completo da Chamada Pública no site www.afropresenca.com.br e nos sites e redes sociais das entidades e instituições parceiras.

PARTICIPE!

AFRO ●●●●
: PRESENÇA

Divulgação/Afro Presença (2021)

Como docente e militante do movimento popular, acompanhar desde as Conferências Livres até o dia do evento Afro Presença – o debate e ações que estão sendo realizados pelo Movimento Negro no Brasil, me preencheu de esperança e de garra para o fortalecimento de uma atuação docente junto a alunos negros e

negras na FMU, pois pensar e falar sobre as implicações de ser negro e negra no Brasil é fundamental.

Durante as mesas de discussões nos dias 08 e 09 de setembro, no tema educação, o Movimento Negro destaca através de várias vivências, sejam em grandes cidades como São Paulo ou em pequenos municípios

como Carpina/PE, a importância de uma educação inclusiva, de uma atuação junto ao MEC, para efetivação de leis existentes e aperfeiçoamento de leis, como o Estatuto da Igualdade Racial, que precisa ser atualizado. Na temática sobre o trabalho, saíram relatos e propostas que vão desde um celo antirracista, acompanhamento psicossocial nas empresas e ações na justiça contra atos racistas dentro de empresas e comércios, tendo como exemplo a ação contra a rede de supermercados Carrefour, que gerou o Termo de Ajuste de Conduta (TAC), que será acompanhado e fiscalizado por diversos movimentos negros.

A experiência do Afro Presença para os docentes da FMU, nos faz pensar em ações que possamos articular atores e grupos negros contribuindo com os diversos pontos de vistas de cada curso. Em particular destaco o curso de Serviço Social, do qual sou parte e também como Assistente Social, já que, trabalho diretamente com efetivação de direitos através das políticas públicas. Além disso, termos uma discussão sobre o Estatuto da Igualdade Racial, através dos seus avanços e recuos na atual conjuntura política do país, é

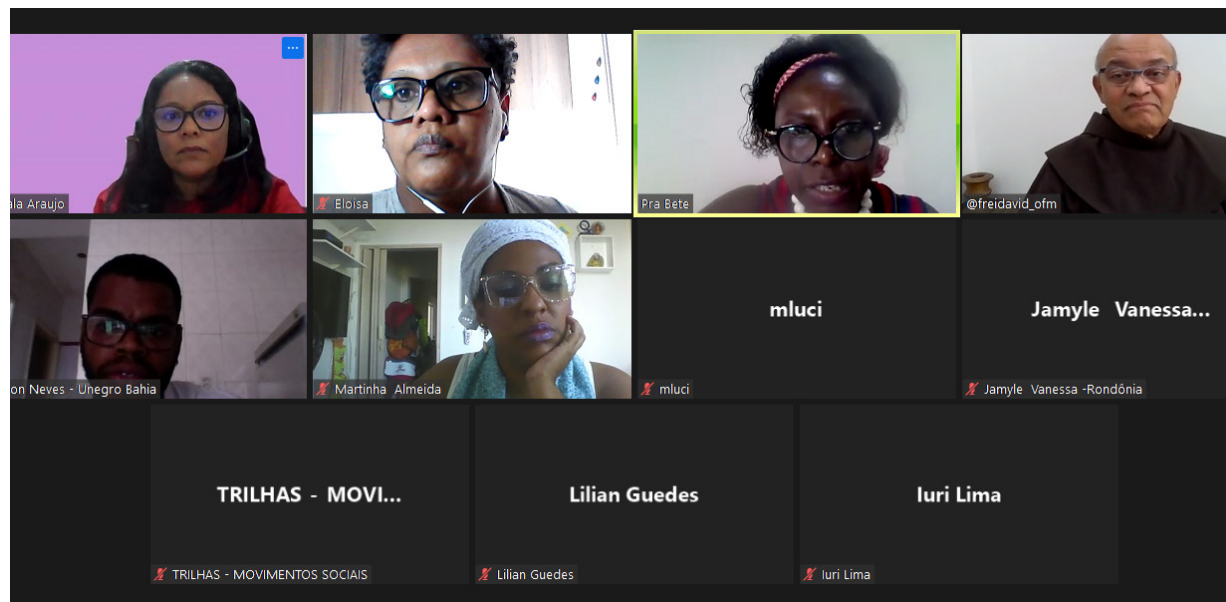
uma tarefa que foi colocada no Afro Presença e que também vejo como tarefa de discussão em sala de aula, pois percebo que um número grande de alunos sabe pouco ou tem total desconhecimento do Estatuto.

Para além do meu lugar de pertencimento como docente negra, trazer as experiências de lutas e articulações realizadas pelo Movimento Negro, no seu processo histórico, não apenas com o Estado, mas principalmente com a sociedade brasileira é de extrema importância. Sua trajetória em muito contribui com a docência, através do dinamismo, elaboração e reelaboração de diversas estratégias de luta a favor da integração do negro e erradicação do racismo na sociedade brasileira.

Por fim, é reafirmarmos a importância de uma atuação docente comprometida com a inclusão do e da jovem negro/a, contribuindo com a importância da visibilidade negra, o debate de classe social a partir da luta do movimento negro e a discussão das leis e políticas existentes como Estatuto da Igualdade Racial, Lei de Cotas e Lei História e Cultura Afro-brasileira.



* Assistente Social na Prefeitura de Diadema/SP; Doutora em Serviço Social; Docente do curso de Serviço Social na FMU e especialista em gênero e assistência social.



Painel "Educação profissional e tecnológica: aprendizagem para juventudes plurais e educação para o trabalho"

Liga Acadêmica Virgínia Bicudo: ancestralidade e saberes

O grupo é formado por estudantes e professores do curso de Psicologia interessados na discussão sobre os diversos aspectos que envolvem as relações étnico-raciais

Por Mara Aline Campos dos Santos* e Daniele Hans**

Uma iniciativa pioneira que emergiu e convergiu em uma ação organizada que viria a ser a primeira Liga Estudantil do Curso de Psicologia da FMU, liderada, inicialmente, por duas alunas, Samara Ágata de Souza e Jéssica dos Santos Alves, e pela professora Mara Aline de Campos dos Santos, foi oficializada institucionalmente em maio de 2020. A Liga Acadêmica Virgínia Bicudo se constituiu em uma iniciativa dedicada à transformação da cultura pautada no racismo para a cultura antirracista, constituindo-se na indignação e no desejo de mudança por parte de alunas e alunos, em sua maioria, pretas e pretos. “Eu tenho um sonho genuíno. Um sonho de conseguir contribuir para que esse espaço acadêmico seja um espaço mais diverso, representativo e seguro, principalmente, para as pessoas negras.”, explica Danilo Vitorino, vice-presidente da Liga Acadêmica Virgínia Bicudo.

A partir do desconforto e da identificação de atitudes e comportamentos racistas praticados no contexto acadêmico do Curso de Psicologia, o nome, Virgínia Leone Bicudo, reflete a falta da reflexão sobre essa intelectual preta, que, com suas pesquisas sobre estrutura social, pensamento e percepções étnico-raciais, trouxe incomensuráveis



Card/LavB: Dia da África com Frantz Fanon

contribuições à sociologia e à psicanálise no Brasil.

Cada pessoa da Liga tem nome, sobrenome e pertencimento, e pessoas brancas devem participar dessa luta também, já que há uma luta antirracista, e cada membro tem sua importância no cenário social. “Há uma branquitude paulistana. Ela foi

construída ao longo dos tempos (dos regimes políticos) para manter no poder quem já lá estava. Respiro e vivo isso todos os dias. Minha experiência como pessoa branca na cidade é completamente diferente da de uma pessoa preta. (...) Nós temos que mudar. E isso requer uma mudança profunda das pessoas que vivem no registro

do privilégio e da branquitude. Isso requer uma luta diária, de cada hora, de cada instante, de cada fala, de cada gesto, de cada olhar. E é por isso que estou na Liga. Para mudar, aprender, compartilhar e atuar na campanha antirracista.”, conta Daniela Kutschat. Devido a iniciativas voltadas a ouvir e apoiar a cultura, manifestações, produções e conhecimentos de pessoas pretas, com introdução de conhecimentos antirracistas que incluem os saberes de povos originários e os dos que vieram escravizados e são pretos no currículo do curso, instituíram o mês de novembro como o mês de um evento anual, o 'Novembro Negro', dedicado à inclusão da pauta preta no âmbito acadêmico, social, e à consciência negra.

Como a Liga atua

A Liga faz reuniões periódicas dedicadas ao estudo, à pesquisa e à extensão universitária, como as leituras da Cartilha do CRP "Relações Raciais: referências técnicas para a atuação de psicólogas (os)" e, também, discussões de filmes que trazem questões étnico-raciais. “Entrar em um mundo acadêmico, sendo mulher e preta, é cheio de desafios. Quando entramos, já sabemos disso, pois é mais um ambiente fruto da sociedade machista, patriarcal e racista. Acabamos por nos esforçar e tentar, ao máximo, continuar nesse meio; muitas vezes, achando que somos parte dele, porém a maioria que está ali não nos representa.”, relata Nayara da Paz Santos, uma das integrantes.

Com a existência das redes sociais e dos aparelhos eletrônicos, que atuam como extensões cognitivas, os relatos são gravados e compartilhados por áudio e vídeo. Esse foi o método de contar e registrar quem é a Liga Acadêmica Virgínia Leone Bicudo, pelo que batalham, anseios, traumas, desejos e, além de tudo, a subjetividade de cada pessoa. “A Liga Virgínia Bicudo foi uma coisa norteadora na minha vida. Ao mesmo passo em que me

senti muito abraçada no momento em que eu conheci a Liga, eu senti: ‘Cara! Como assim? Eu nunca ouvi falar sobre isso?’, conta Silmara de Souza. “Eu estava em busca desse espaço onde eu pudesse me aquilombar, pudesse me sentir no espaço seguro para trocar experiências com pessoas que compartilham coisas de suas histórias comigo”, acrescenta Danilo Vitorino. Diante de vivências cotidianas se evidencia que a branquitude estabelecida e o racismo estrutural precisa ser combatido, e para cada integrante da Liga, pessoas pretas e brancas, o núcleo central é o âmbito acadêmico. Seguindo, cada vez mais, com estudos, com o resgate de fazeres, saberes e a valorização da ancestralidade, da fala preta, com campanhas antirracistas, que se dá a partir de micro ações individuais, na faculdade e fora dela.



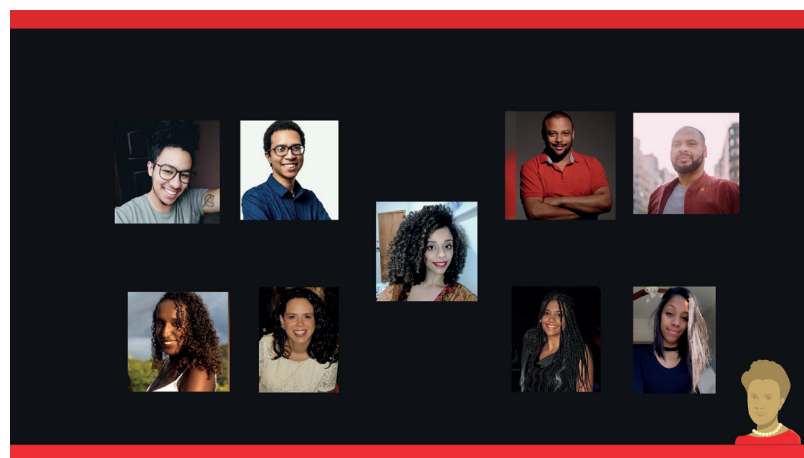
* Doutora em Psicologia. Professora do curso de graduação em Psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Coordenadora da Liga Acadêmica Virgínia Bicudo (LAVB). Mestra em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - IP-USP. Graduada em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo e pós graduada, em nível de aprimoramento, em Psicoterapia Breve pela mesma instituição. Atua também na área clínica com psicoterapia de orientação psicanalítica.

** Aluna do 6º semestre do curso de Psicologia.



Card LavB: Consciência Negra

Divulgação/Acervo FMU



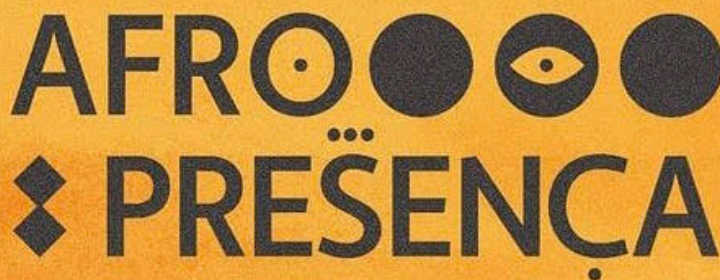
Alguns dos membros da Liga Acadêmica Virgínia Bicudo

Acervo LavB

Afro Presença: pós permanência do aluno negro

Evento virtual do Ministério Público do Trabalho/SP com o Pacto Global (ONU), setor privado e organizações nacionais promove empregabilidade para jovens negras e negros universitários

Por Redação AiCom e NERA*



WWW.AFROPRESENÇA.COM.BR

Divulgação/Afro Presença (2020)

A primeira edição do Afro Presença, encontro virtual que defende um papel de destaque da juventude negra e tem como objetivo ampliar a inserção e ascensão do jovem negro e negra ao mercado de trabalho, ocorreu em setembro e outubro de 2020, e contou com 400 painéis e mesas de conversa, mais de 270 painelistas e de 19 mil inscritos em três eixos temáticos: Sociedade em debate, Mercado em debate e Carreira em debate.

A idealização e coordenação do

evento foi do Ministério Público do Trabalho (MPT) e realização do Pacto Global das Organizações das Nações Unidas (ONU).

Com a finalidade de prevenir e combater a discriminação racial nas relações de trabalho e valorizar a diversidade racial nas empresas, de modo a reduzir as desigualdades raciais no campo econômico, social, político e cultural, surge o Movimento Afro Presença, que, após discussões sobre igualdade racial, organiza um encontro virtual

para falar sobre a participação do jovem negro e negra no mercado de trabalho, nas associações de classe, organizações nacionais e internacionais e nas universidades.

Sociedade, Carreira e Mercado

A inclusão racial nas universidades foi um dos temas debatidos no evento. A conversa conduzida por Silvia Souza, da Educafro, contou

com os reitores Manuel Nabais da Furriela, FMU|FIAMFAAM; Dácio Matheus, UFABC, e José Vicente, da Universidade Zumbi dos Palmares. Em sua participação Furriela destacou que “é preciso dar oportunidade a grupos menos favorecidos historicamente”.

José Vicente lembrou da importância de termos projetos em âmbito nacional e de entender a educação como um direito para todos. Para o reitor da UFABC, as instituições acadêmicas deveriam se preocupar não em formar profissionais para um mercado que “é estruturalmente racista”, e sim contribuir para a mudança deste cenário.

A estética afro é fundamental para refletir sobre a transformação desses quadros. Lucas Silvestre, jornalista, modelo e fotógrafo LGBTQIA+, Carol Barreto, designer de moda e professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e as influenciadoras digitais Ana Paula Xongani e Gabi Oliveira debateram sobre a necessidade de ocupar espaços no mercado de trabalho e na academia e de transformá-los para ajudar no processo de construção e aprofundamento da auto-imagem. “Eu estou no departamento de estudos feministas e somos poucas.

Ao mesmo tempo que é importante a minha presença, porque sou um espelhamento das minhas discentes, a minha existência é questionada o tempo inteiro”, diz a professora da UFBA.

Longe da diretoria

Segundo dados do Instituto Ethos, menos de 5% da população negra do Brasil ocupa cargos executivos. “Uma grande questão da pauta antirracista são empresas que têm em seus cargos diretivos majoritariamente pessoas brancas e que contratam jovens negros apenas para cargos de estágio ou aprendiz, como se fosse a única forma de inclusão. Nesses cargos, se mantém as relações de hierarquização racial e subalternização de negros dentro da estrutura da própria empresa”, relata Silvia Souza, da Educafro, num painel com a presença de Maria Sylvia Aparecida de Oliveira, do Geledés, e Ângela Guimarães, da Unegro.

“O governo precisa fazer sua parte, mas a iniciativa privada também tem seu papel na quebra de barreiras”, diz Eduardo Santos, da EF Education, em uma mesa que discutiu o racismo estrutural nas empresas. Do ponto

de vista governamental, tivemos ações que surtiram efeito para que jovens negros pudessem ingressar na universidade, contudo há falta de emprego para essa parcela da população.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada em março de 2021 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra que pretos e pardos tiveram taxa de desemprego acima da média nacional. Entre as pessoas pretas, a taxa foi de 17,2%, enquanto a de pardos foi de 15,8%, a média nacional ficou em 13,9%.

Leandro Camilo, sócio e líder de diversidade na PwC Brasil, diz que a empresa está na jornada de inclusão, mas reconhece ter um longo caminho pela frente. “Para que funcione, necessita de pilares como o apoio dos líderes e um longo processo de aculturamento”, acrescenta.

De acordo com Eduardo Santos, “precisamos não somente trazer os negros para dentro das empresas, mas abrir espaço para que contribuam de forma criativa com seu desenvolvimento e que tenham a chance de crescer e ocupar posições de liderança”.



Divulgação/Altro Presença (2020)

Foram 3 dias de debates nos eixos temáticos: Sociedade em debate, Mercado em debate e Carreira em debate.

Afro Presença 2021

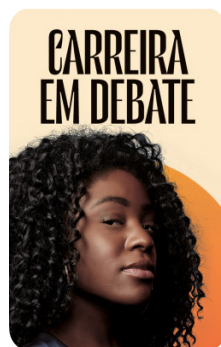
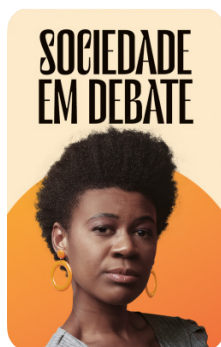
Novamente em ambiente 100% virtual, o Afro Presença 2021 ocorreu entre os dias 8 e 10 de setembro e contou com painéis de debate com grandes empresas, oficinas com dicas de consultorias de recrutamento e seleção.

O mote para o evento deste ano foi “Derrube muros, abrindo portas” e a programação apresentou mesas nas trilhas Sociedade em debate, Mercado em debate e Carreira em debate durante os três dias de evento. Além da programação de palestras, foram realizadas aulas magnas, debates, painéis e oficinas. Os participantes também tiveram acesso à “Vitrine de Oportunidades”, com vagas de emprego disponibilizadas. O evento preparou dinâmicas interativas para os participantes e apresentações artísticas de grandes nomes como o Olodum, que encerrou o evento dia 10 de setembro.

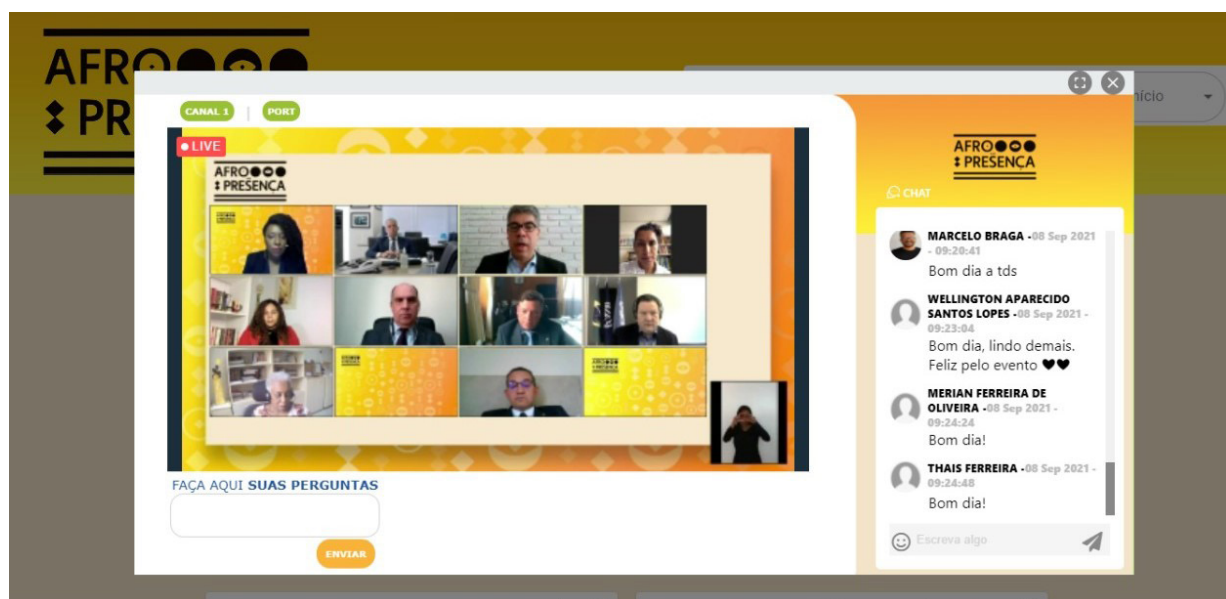
*Cobertura realizada para o site da Agência Integrada de Comunicação (AICom) pelos alunos monitores e estagiários Barbara Zaira, Diego Henrique, Lucas Cruz, Marina Fiorotti e Samira Moraes, sob supervisão do professor do FIAM-FAAM Kaluan Bernardo.



Divulgação/Afro Presença (2021)



Divulgação/Afro Presença (2021)



Divulgação/Afro Presença (2021)

QUER UM DIPLOMA
RECONHECIDO?

**VOLTE A
ESTUDAR NA FMU**

**2 PRIMEIRAS
MENSALIDADES
GRÁTIS**

BOLSAS DE ATÉ

70%*

NO 1º SEMESTRE

E

BOLSAS DE ATÉ

60%*

NO CURSO TODO

FMU
DENTRO UNIVERSITÁRIO

*Consulte condições comerciais.

CONQUISTE O QUE É SEU!

Mês da Consciência Negra no FMU/FIAM-FAAM

Por Alan Felipe M. Durães*

Espaço NERA



Divulgação/Aervo NERA

Cartaz do Mês da Consciência Negra na FMU/FIAM-FAAM

Em novembro de 2020 o NERA realizou diversas atividades no mês em que se comemora o Dia da Consciência Negra para debater os mais diversos assuntos ligados a questões raciais na sociedade. Todos os debates, palestras e oficinas ocorreram de forma gratuita e remota em uma parceria com diversos cursos da instituição. A proposta foi promover ações antirracista e de valorização da vida e culturas negras. Por meio desse evento, foram abordados assuntos

que visam promover a reflexão sobre a população negra em situações históricas e contemporâneas, com a ideia central de apresentar exemplos reais para conscientizar e criar uma educação antirracista.

Dentre os temas abordados que tiveram o intuito de enaltecer as pessoas negras e exaltar a arte brasileira, tivemos como destaque o projeto *Pílulas de Leitura*, no qual os próprios alunos realizaram uma série de cinco episódios no Youtube,

fazendo a leitura de trechos de livros e declamando poesias escritas por grandes personagens negros do nosso país. Nomes como Lázaro Ramos, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, foram representados nas vozes dos alunos de Comunicação da faculdade.

O Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP) realizou algumas postagens nas redes sociais da FMU com conteúdos informativos sobre figuras negras que historicamente foram representadas

por pessoas brancas, como é o caso de Chiquinha Gonzaga, que foi a primeira mulher negra a reger uma orquestra no Brasil, porém, em uma minissérie na TV, a personagem foi retratada por uma atriz branca. Historicamente outros personagens emblemáticos do nosso país chegaram até mesmo a terem o tom de pelo retocados em fotografias, como no caso de Nilo Peçanha, Presidente do Brasil, que assumiu o cargo em 1909. Na literatura brasileira, Machado de Assis, foi retratado como branco em uma propaganda da Caixa no ano de 2011. O comercial foi retirado do ar após o banco receber um pedido oficial da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir).

Estudantes do curso de Psicologia também contribuíram nas redes sociais da faculdade. A proposta dos conteúdos era a de propor uma reflexão sobre o papel da pessoa branca na luta contra o racismo e entender como devemos nos unir e lutar por uma sociedade igualitária. “O papel da pessoa branca no contexto atual é o de tomar a atitude de pesquisar sobre o passado, compreender toda a vivência e todos os crimes que ocorreram e encontrar soluções par mudar a realidade de opressão contra a população preta”, dizia um dos posts.

As ações nas redes sociais tinham como foco trazer à luz temas sobre o racismo e os desafios da pessoa negra no Brasil, e para isso, foi utilizado como exemplo o filme *Corra* que aborda o terror psicológico. A postagem apresentou três reflexões importantes para que as pessoas não se omitam e tenham voz ativa na luta contra o racismo: (1) o conceito da era pós-racial, que apesar do argumento da democracia racial no Brasil pregar pela convivência harmoniosa entre as raças, na prática a situação é um pouco diferente; (2) roupagens do racismo quando mostra que o racismo está além de apenas práticas fóbicas e agressivas; (3) ideologia da branquitude como um fator prejudicial, pois afeta a consolidação da identidade negra positiva e mantém



Liked by brugusmao_ and others
 fmu_oficial A falta de representatividade é capaz de trazer problemas na formação da identidade e autoestima, principalmente das crianças, já que pode fazê-los se sentirem inferiores.

Arraste e confira uma seleção de personalidades que são referência em diversos campos da sociedade.

Postagem do NAP na página oficial da FMU no Instagram

uma condição de alienação do negro em relação ao racismo.

Pelo Youtube, com mediação da professora Maria Lucia, convidados especiais participaram da discussão sobre a inserção das pessoas negras no mercado de trabalho, bem como no turismo. Além de compartilhar as experiências profissionais, os convidados responderam as dúvidas dos participantes em tempo real.

Graças à parceria com outros cursos na geração desse conteúdo especializado sobre a temática racial, cujo objetivo é fortalecer a missão da faculdade na formação de profissionais éticos, o mês da Consciência Negra foi um sucesso. Os números mostram mais de 3 mil participantes, além de 45 eventos realizados e diversos posts nas redes sociais institucionais que contribuíram com a missão de promover a reflexão nas pessoas e mostrar a luta pelos direitos igualitários

*Aluno do sexto semestre do curso de Jornalismo.

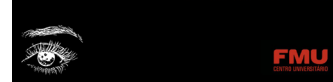
1 à 5- Sequência de cards do Mês da Consciência Negra publicados na página oficial da FMU no Instagram (Divulgação/Acervo FMU)



O que costuma doer na pessoa branca é perceber e aceitar que muito de sua realidade é, na verdade, um privilégio construído ao longo dos últimos séculos com base na opressão de povos pretos ao redor do mundo.



A sensação de injustiça é inevitável. Mas lamentar não resolve o passado e, muito menos, muda o futuro.



Não há mais espaço para pessoas brancas passivas, esse tempo já passou há muito – e não deveria sequer ter existido.

E não há como construir reparação sem conhecer a história que se quer reparar. É agora o momento de as pessoas brancas calarem sobre suas vivências e ouvirem o que a população preta tem a dizer, promover espaços em que possam praticar sua cultura com segurança



Encontros que constroem pontes

Como as Salas de Leituras realizadas pelo Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA) propiciam a abertura e desenvolvimento de novos diálogos

Por Maria Carolina Sousa*

Para uma mobilização criar braços que possam trabalhar em sua expansão, é preciso ter pessoas engajadas em participar, especialmente quando o assunto diz respeito a nossa história e ancestralidade, com fatos e acontecimentos que apresentam um contexto marcado pelo racismo e luta de classe. Por isso, quando a Sala de Leitura, realizada pelo Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA) sob orientação da professora Maria Lúcia, recebeu seus primeiros convidados e participantes, uma nova ponte de diálogo foi estabelecida. Com o intuito de apresentar e debater os estudos de autoras negras nacionais através de suas respectivas obras, a Sala de Leitura se tornou uma ferramenta para adquirir novos conhecimentos sobre a importância da luta antirracista e o contexto sociocultural e histórico de nosso país, em meio a um espaço para trocas de experiências. Ter um conhecimento mais aprofundado sobre nosso passado é um dos principais combustíveis que fazem com que muitos alunos e interessados participem dos encontros.

Roda de conversa

O primeiro nome escolhido para dar início ao projeto foi o de Sueli

Caras/os leitoras e leitores, mestras e palestrantes da Sala de Leitura: Sueli Carneiro, gostaríamos de convidar vocês para celebrarmos o

Novembro Negro - Axê, Sueli, axê!



Nossos encontros promoveram, reflexões, diálogos de vivências negras e troca de conhecimentos sobre a importância da resistência / existência do povo negro – sobretudo da mulher negra, a partir das leituras dos textos do livro *Escritos de uma vida*, de Sueli Carneiro.

22/11/19 das 17h às 19h30 Sala 203



Card: Sala de Leitura Sueli Carneiro

Carneiro, filósofa brasileira e fundadora do Instituto Geledés. Sendo um dos grandes nomes da luta antirracista na atualidade, com forte presença em atos de rua e nos principais meios de comunicação, sua obra biográfica “Escritos de uma vida”, publicada em 2019 pela Editora Jandaíra, foi responsável

pelos primeiros encontros, que resultaram em uma carta coletiva enviada para a autora como forma de agradecimento por sua contribuição ao movimento de mulheres negras. Contando com a mediação de convidados especiais ligados a estudos acadêmicos a cada encontro, Mariléa de Almeida, doutora em

História pela Universidade de Campinas (UNICAMP) e pela Universidade de Columbia nos Estados Unidos, disse que a maior parte das publicações destas autoras estão na internet, quando poderiam estar disponíveis em livros e outros materiais didáticos. “A questão da Sueli foi exatamente essa. Ela diz que nós produzimos, mas existem mecanismos de poder que fazem com que esses saberes não circulem”, destaca a historiadora.

Porta de entrada

A partir do sucesso da primeira experiência, a segunda edição (realizada em 2020 de maneira remota devido à pandemia) da Sala de Leitura foi direcionada a obra “Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa” de Lélia Gonzalez, publicada pela União dos Coletivos Pan Africanistas – Diáspora Africana, em 2018. Pensadora afrodiaspórica de gênero, classe e raça, Gonzalez foi professora de Cultura Brasileira na PUC/RJ onde chefiou o departamento de Sociologia e Política. O seu trabalho enquanto militante levou-a ao Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e para outras

organizações como o Movimento Negro Unificado (MNU) e o Coletivo de Mulheres Negras N’Zing.

Para os participantes, a Sala de Leitura também se propõe a ser uma porta de entrada para descobrir novas figuras de representatividade. Gonzalez, que se tornou uma inspiração para muitas mulheres, também passou pela fase de reeducação, o que foi crucial para as mudanças que aconteceram em sua vida. Em um trecho da obra ela escreve: “A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora”.

Espaço firmado

O terceiro encontro ocorreu no início de 2021 com a obra “Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento” da historiadora, poeta, professora e ativista sergipana. “Ela foi uma intelectual que me fez reaver sobre diversos assuntos como feminismo negro, processo de cotas, questões sociais, etc”, afirmou Alex Rattas, autor do livro. Seus artigos foram publicados em grandes periódicos como a Revista de Cultura Vozes, Estudos Afro-Asiáticos e Revista

do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o que fez seu nome receber uma grande projeção na década de 70. Ainda hoje, ela é citada por suas contemporâneas, como a filósofa e acadêmica Djamilia Ribeiro, principalmente em discussões sobre a luta das mulheres quilombolas. De maneira geral, todas estas mulheres fizeram história ao mostrar que a realidade brasileira apresenta gênero, raça e classe social. Assim, como nestes encontros, as conversas nunca devem ser individuais, pois vivemos no coletivo. Deste modo, ter como mecanismo de defesa e atuação uma consciência plural a partir da educação de nossos ancestrais e ativistas nos torna mais fortes para quaisquer obstáculos que possam vir a surgir.

* Graduada em Jornalismo pelo FIAMFAAM.

SALA DE LEITURA
Beatriz Nascimento

Encontros de Leitura e reflexão sobre a obra da historiadora Beatriz Nascimento.

Inscrição na plataforma Symply no link bit.ly/3ezfQ2K

Programação na plataforma de inscrição. Certificado (20 horas) para 75% presença. Encontros nos dias: 20 e 27/03 - 10 e 24/04 - 08 e 22/05/2021

NERA aicom FMU FIAMFAAM

Card. Sala de Leitura Beatriz Nascimento

Sala de Leitura
Lélia Gonzalez

Encontros de Leitura e reflexão sobre a obra da filósofa Lélia Gonzalez

Os textos para análise fazem parte da coletânea "PRIMAVERA PARA AS ROSAS NEGRAS - Lélia Gonzalez em primeira pessoa".

O evento será virtual. Inscrições no link ou QR Code abaixo.

bit.ly/33KYdqU

24 out. às 16h

FMU FIAMFAAM NERA

Card. Sala de Leitura Lélia Gonzalez

**COMPLETE SUA
GRADUAÇÃO**

**TRANSFIRA-SE
PARA O FIAM-FAAM.**



**MATRÍCULA
A PARTIR DE
R\$ 49,00**

+

**BOLSAS DE ATÉ
60%*
NO CURSO TODO**

*Consulte condições comerciais.

CONQUISTE O QUE É SEU!

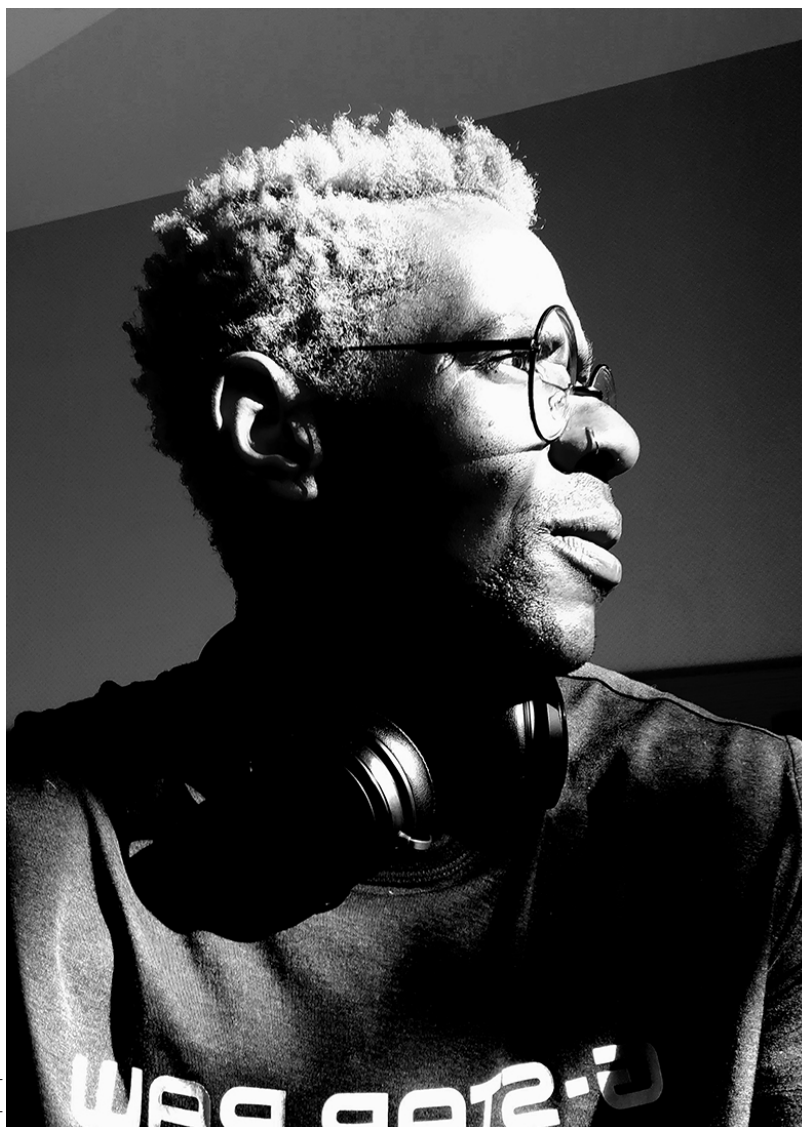
FMU
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Artes e jornalismo no trabalho de Nabor Jr.

Fundador e co-diretor da revista *O Menelick 2º Ato* fala à Dumela sobre expressões artísticas e a imprensa negra

Por Aline de Campos*

Personagem



Arquivo pessoal

Se colocar contra a ordem social estabelecida é uma das formas de (re)existir das mídias pretas e não tradicionais. Para corpos racializados e marginalizados, resistir para existir não se trata de escolha e sim de sobrevivência, ao passo que somos colocados nos espaços sociais sem que nossa subjetividade seja relevada. É diante dessa realidade que atua o jornalismo contra-hegemônico.

Para Nabor Jr., jornalista, fotógrafo, fundador e co-diretor da revista *O Menelick 2º Ato*, a existência de veículos de comunicação negros e alternativos é benéfica para toda a população brasileira e para que profissionais tenham a oportunidade de desempenhar seu ofício contando o outro lado das histórias. “É fundamental. Tanto como expressão de uma realidade que não é protagonizada como deveria ser pelos meios de comunicação tradicionais, como também enquanto mercado de trabalho”, pontua.

Sob influência, ainda na adolescência, da cultura hip hop, através principalmente do rap e do graffiti, Nabor Jr. buscou representatividade positiva nas mais diversas esferas sociais. O ingresso no curso de jornalismo aflorou ainda mais a necessidade que sentia de contribuir para o que considera uma “representação digna da população

negra brasileira nos meios de comunicação”.

Para ele, as artes apresentam-se como ferramenta de reflexão da competência negra no campo intelectual e de ressignificação da história negra no país. Quanto ao surgimento da *O Menelick 2º Ato*, explica: “Criar uma revista foi uma resposta transgressora, mas natural visto minha área de atuação, ao apagamento que nossas histórias. Há, obviamente, nesse processo ‘natural’ de criação da revista, um complexo percurso de compreensão da minha própria subjetividade negra, e de como eu poderia contribuir, enquanto jornalista”.

Nabor Jr. destaca como influência, na criação da publicação, a história e as contribuições da imprensa negra no Brasil, como o jornal *Ìrohìn*, a revista *Raça Brasil*, as pesquisas ao Arquivo Público do Estado de São Paulo e a UESP (União das Escolas de Samba Paulistas). Foi no Arquivo Público do Estado de São



Capa Edição Zer0Zer0 – Revista O Menelick 2 Ato – Junho/2010. Artista: Victorone

Acervo O Menelick 2º Ato



Luciane Ramos-Silva e Nabor Jr. Recebendo o Prince Claus Award, em dezembro de 2018, em Amsterdã, pelo trabalho desenvolvido na revista O Menelick 2 Ato

Acervo O Menelick 2º Ato

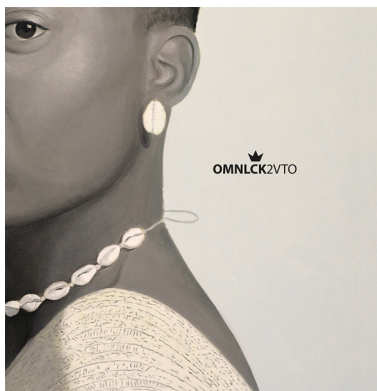
Paulo, que o jornalista e fotógrafo conheceu o jornal O Menelick, de 1915. Impactado, batizou sua página na internet *omenelicksegundoato.blogspot.com*, criada em 2017, onde publicava textos e fotografias sobre a experiência negra no campo das artes e cultura no Brasil.

Em 2010, o conteúdo digital transformou-se na revista impressa com a colaboração de colegas jornalistas, artistas e pesquisadores. Nestes 10 anos publicamos mais de 20 edições impressas da revista, cerca de 150 textos inéditos, produzimos aproximadamente 30 eventos presenciais, profissionalizamos nossa relação com nossos colaboradores, sem os quais não teríamos alcançado a densidade que a iniciativa alcançou. “Enfim, hoje podemos dizer que somos parte da complexa engrenagem que constitui a história da imprensa negra em São Paulo”, afirma.

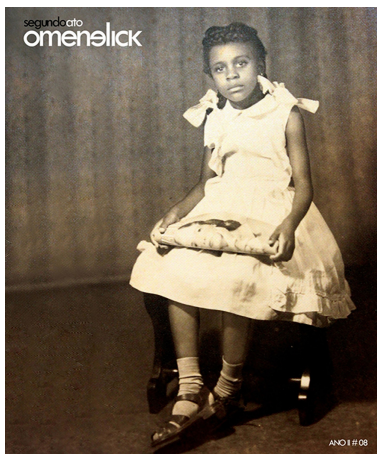
Seu trabalho como jornalista o apresentou à fotografia, ofício paralelo à sua produção jornalística escrita, que encara como ferramenta de expressão artística e de documentação. Como fotógrafo, são os retratos, especialmente de artistas negros, que lhe saltam aos olhos. Compartilha ter como referências na fotografia Wagner Celestino e Luiz Paulo Lima.

Ser um homem negro é uma condição que vê como privilégio pois, segundo ele, o incentiva a pesquisar mais sobre o mundo e entender suas complexidades. Sua negritude está presente em seus trabalhos. À exemplo de outros profissionais negros que, na história, adotaram pseudônimos em sua atividade intelectual, Nabor Jr. é MANDELACREW como fotógrafo na revista. Crew em referência ao significado de grupo muito presente no movimento hip hop, e Mandela em homenagem a Nelson Mandela, a quem sempre admirou.

Saiba mais sobre a revista O Menelick 2º Ato no site: www.omenelick2ato.com



1



2

O M N L C K 2 A T O
lançamento edição zero016



3

* Jornalista (FIAMFAAM Centro Universitário) e Mestra em Ciências Sociais na área de Política (PUC-SP). Pesquisa raça, gênero e ativismo nas redes sociais e, no jornalismo, atua na área de Educação. É autora de "Todos os olhos em mim: a presença do racismo nos relacionamentos inter-raciais", publicado pela Quintal Edições.



4



5

1- Capa Edição Zer021 – Revista O Menelick 2º Ato – Dezembro/2019. Artista: Alexandre Alves; 2- Capa Edição Zer08 – Revista O Menelick 2º Ato – Dezembro/2012. Artista: Fotógrafo desconhecido/Arquivo Família Braga dos Santos; 3- Flyer de lançamento da Edição Zer016 da Revista O Menelick 2º Ato – São Paulo, 2014; 4- Capa Edição Zer013 – Revista O Menelick 2º Ato – Dezembro/2014. Artista: Sidney Amaral; 5- Flyer de lançamento da Edição Zer03 da Revista O Menelick 2º Ato – São Paulo, 2010. Imagens: Acervo O Menelick 2º Ato

Existe vida no home office?

A pandemia trouxe, para toda a população, muitos desgastes, e transformar a casa em um ambiente de trabalho foi um deles. Confira o relato de três educadoras sobre a docência, filhos, emoções e preocupações da vida em tempos pandêmicos

Edição Redação DUMELA

A vulnerabilidade como fator para o ensino: educação pública em tempos de pandemia

Francisca Rodrigues*

“A pandemia, ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, conhecida como Covid-19, construiu um cenário de medo, dor e insegurança. As relações sociais nas mais diversas atividades humanas, ficaram comprometidas a partir das medidas de isolamento orientadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com o objetivo de evitar a contaminação e proliferação do novo coronavírus.

Desse modo, o campo da educação sofreu com o fechamento de escolas comprometendo, principalmente, as relações sociais presenciais tão necessárias à formação das (os) estudantes. Famílias, estudantes e escolas, de maneira urgente, precisaram se adaptar à transferência do ensino presencial para um processo de virtualização de emergência: o ensino remoto.

Com isso, as mudanças no processo de ensino contribuíram para o uso de metodologias alternativas que, até então, eram distantes da Educação Básica pública. Tal situação evidenciou os abismos sociais, culturais e econômicos já conhecidos

em escolas públicas, especialmente, na periferia das grandes cidades.

Diante deste contexto, o meu olhar vem da educação pública da cidade de São Paulo onde atuo há alguns e, atualmente, em uma escola no extremo da zona leste com estudantes em situação de vulnerabilidade social, cultural e econômica. Desse modo, além das complexidades já existentes no cotidiano escolar, a rotinização do trabalho comprometeu ainda mais o exercício reflexivo. As dificuldades econômicas ficaram evidentes com estudantes sem condições de participar das atividades remotas por não terem celular e computador.

As questões que se colocam na educação pública não se encerram neste texto e se colocam com uma força maior no meu trabalho docente. Já conhecíamos o abismo da educação pública, mas, agora, desconhecemos os novos contornos deste abismo e sua profundidade que talvez não tenha fim.”



Arquivo pessoal

* Docente da Rede Pública Estadual. Mestre em Educação e integrante do Grupo de Pesquisa Ylê-Educare (Uninove). Especialista em Gestão. Pesquisadora no projeto Sala de Leitura do NERA.

O peso das coisas

Karin Vecchiatti*

“O que aprendi durante a pandemia foi muito além da necessidade de me adaptar ou me reinventar. Essas duas coisas a vida já nos impõem de tempos em tempos, independentemente de uma situação pandêmica. O que aprendi durante a pandemia foi tentar medir melhor o peso que se dá às coisas.

Passar mais de um ano dentro de casa, quase sem poder sair, a grana ficando curta e uma criança a tiracolo me ensinou que, diante das mudanças que a vida nos impõe, ou a gente tenta equilibrar os vários pesos do cotidiano e encontrar prazer e um amor profundo por nós mesmos ou estamos fadados a ‘despirocar’.

Só cheguei a essa conclusão porque hoje tenho mais de 40 anos e sou mãe de uma pequena menina (atualmente com 2 anos). Antes de ter a Amora e da pausa forçada pela pandemia, eu não pensava assim. Para mim tudo tinha o mesmo peso. E tudo era pesado demais. A vida era pesada demais.

Mas esse período atípico me obrigou a rever esses pesos, a prestar mais atenção não apenas no que eu fazia, mas em como eu fazia. Com leveza ou com um fardo? Com prazer ou como um zumbi?

Para começar, percebi que é fácil entrar no modo zumbi quando nos tornamos mães: o acúmulo de tarefas, o cansaço, a sensação de responsabilidade que acaba colocando a maioria das mães no piloto automático de ‘ter que fazer acontecer’. E assim a vida fica pesada. E não há nada de nobre o tocar em frente uma vida pesada. Pelo contrário. As mães que ‘fazem e acontecem’, que carregam o peso do mundo são reflexo de uma sociedade profundamente desequilibrada e cruel.

Acredito que devemos parar de aplaudir mães solo que dão conta de tudo ou simplesmente mães que dão

conta de tudo. Se é uma mãe que está assumindo a maior parte das funções dentro de casa, há, no mínimo, algo doentio nas relações familiares que criamos.

Diante de conquistas importantes que o século XX trouxe às mulheres, um dos passos fundamentais que precisamos dar na atualidade é pararmos de uma vez por todas de atribuir o cuidado, o afeto e o zelo exclusivamente às mulheres, como se homens fossem incapazes de cuidar. O cuidado se aprende, se nutre e se cultiva nas relações familiares. E isso pode ser papel tanto de pai, quanto de mãe. Ou melhor: dos dois.

É por isso que a ênfase na maternidade (essa coisa tão imaculada, repleta de sacrifícios) deveria ser substituída pela parentalidade (uma relação mais saudável, mais honesta, mais equilibrada). Parentalidade tem a ver com pai e mãe, juntos. Afinal, os filhos têm 50% da genética de cada um. É um serzinho “meio a meio”. Os dois fizeram. Os dois têm que cuidar. Se a mulher entrou no mercado de trabalho, se é possível dividir a responsabilidade pela grana e isso hoje é considerado “normal”, por que o homem não poderia assumir parte dos afazeres domésticos e parte do cuidado com os filhos?

Prestar atenção no peso das coisas; prestar atenção não apenas no que se faz, mas em como se faz, requer um olhar profundo para os relacionamentos que criamos: com os parceiros (as), com os filhos (as), com a família, com os amigos(as). Como fazemos as coisas? Que peso damos para o descanso, para o trabalho, para as refeições, para os desafios, para as conversas, para o silêncio, para as dores, para as risadas, para os afetos? Sabemos falar e escutar? Sabemos compartilhar prazeres e responsabilidades?

Nessa tentativa de reequilibrar o peso das coisas, a vida não

necessariamente ficou mais fácil, mas ficou mais leve. Os desafios, as dúvidas, os “perrengues” continuam surgindo. Sempre. Mas eles não são tão pesados. Eu os divido. Eu vomito e choro se preciso. E acho que isso me torna uma mãe mais verdadeira, até para mostrar pra minha filha que ela também poderá dosar o peso das coisas. Cada família, cada relacionamento pode desenvolver suas receitas, seus pesos, suas pitadas. Com isso, mãe não precisa ser mártir. Mãe precisa ter responsabilidade compartilhada. Mãe precisa ter prazer.”



* Doutora em Comunicação e Semiótica (2008) pela PUC-SP; Mestre (2003) em Ciência Ambiental (Procam/USP); Graduada em Engenharia Agrônoma pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP); Escreve sobre os mecanismos de sociabilidade, a construção de linguagens, ordenamento simbólico do mundo e, principalmente, sobre o colapso ecológico; É professora na Escola de Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Artes e Humanidades da FMU|FIAMFAAM e trabalha ativamente como produtora cultural.

Incertezas da volta à normalidade

Mirela Neris*

“Era mais uma manhã agitada bem comum para uma escola pública. Adolescentes correndo no pátio interno atrás da agente de organização escolar para saberem se teriam as últimas aulas vagas, se tem bola pra jogar, se faltou professor e se o lanche era ‘comida’ ou merenda seca.

Eu como sempre esbaforida, com medo de me atrasar para dar a terceira aula, afinal, leciono em três escolas diferentes e o trânsito em São Paulo é um caos. Entro na sala dos professores e encontro todos ali presentes com olhares apreensivos esperando a diretora. Com um sorriso forçado e com as mãos entrelaçadas ela nos diz que estamos sendo dispensados sem previsão de retorno e que os alunos ficarão na escola até o intervalo e em seguida seriam dispensados também. Esse foi o último dia em que tudo era normal, dia 18 de março de 2020.

Sai da escola sem saber o que sentir (ninguém sabia). O restante do mês de março passou como uma brisa e logo estávamos de recesso. Abril chegou com férias. Meus dias se resumiam em assistir todos os telejornais da TV, acessar o Diário Oficial a cada hora e conversar com professores de todos os grupos de educação que eu consegui ser adicionada.

As férias e recesso acabaram e tínhamos que voltar às aulas, mas como voltar se o governo decretou quarenta e a cada quinzena era postergado tal situação. O secretário da educação anuncia que ninguém ficará para trás, nenhum contrato será cancelado e que as aulas serão pelo Centro de Mídia de São em EAD. Pensei ‘Meu Deus! Como vou dar aulas para as minhas turmas com seis matérias diferentes e sem nenhum protocolo ou manual de instruções?’ Na primeira reunião online percebi

que nem eu e nenhum dos meus colegas estávamos preparados para utilizar qualquer tecnologia para ministrar o que seria próximo de uma aula. Ouvimos as orientações da coordenação, os desejos de boa sorte da direção e as cobranças da dirigente de ensino deixando bem claro nossas metas, o que teríamos que entregar diariamente e de que não tinha protocolo nem manual para seguirmos, nenhuma infraestrutura disponível e nenhum adicional a mais no salário para custear nossas contas de luz, manutenção de notebook, PC ou celular e também não seriam pagos o auxílio transporte, já que estaríamos em home office.


Bom! Meu dia começa às 6 da manhã. Tento organizar minha casa, tomar café e adiantar o almoço porque às 7 tenho que logar para o plantão de dúvidas com os alunos; faço a busca ativa dos alunos que não apresentam atividades on-line ou impressa, termino o almoço, oriento meu filho nas suas atividades escolares e já adianto o jantar. Depois vem mais reunião, mais plantão de dúvidas, busca, cursos, preparação, postagem e correção de mais atividades e assim o ciclo se repete. Nas madrugadas eu quase tenho um minicoma. Diariamente tudo isso se repete e aos finais de semana não é diferente: tem planejamento de aula, preenchimento de diário de classe e cursos sobre ferramentas da internet e edição de vídeo.

Essa é minha rotina há um ano e seis meses. E o mais difícil não é administrar o tempo, não é ser criativo para atividades atrativas, não é ter a proatividade de participar e administrar dez grupos de Whatsapp das turmas e responder dúvidas às 3h da manhã dos alunos que não entenderam nada sobre as atividades passadas. A minha maior dificuldade é lidar com meus sentimentos e

emoções, pois em um ano e seis meses eu perdi um pai e mais de 23 entes queridos. É muito difícil lidar com um sentimento de ineficiência quanto ao aprendizado de mais de 300 alunos que enfrentam o difícil acesso à tecnologia mais básica, o desemprego dos pais, a própria covid-19 e a falta de socialização. O mais difícil é sentir uma forte dor no peito quando se ouve em um anúncio do governo que estou em casa tomando suco de laranja e batendo papo nas redes sociais. É lidar com crises de ansiedade sem ter como ir em um psicólogo para fazer um tratamento para lidar com tais questões. A pior de todas as dificuldades é a incerteza da volta à normalidade”.



*Docente da Rede Pública Estadual. Egressa do Curso de Relações Públicas do FIAMFAAM Centro Universitário.



QUER SER
RECONHECIDO?
**USE SUA NOTA
DO ENEM.**

**MATRÍCULA
A PARTIR DE
R\$ 49,00**

+

**BOLSAS DE ATÉ
100%*
NO CURSO TODO**



FMU
CENTRO UNIVERSITÁRIO

*Consulte condições comerciais.

CONQUISTE O QUE É SEU!

É hora de soprar as velinhas

Cursos celebram 20 anos com trajetória de sucesso

Por Lala Evan, Danielle Barros e Samantha Rubio*

O ano de 2020 e 2021 não estão sendo fáceis. Pandemia, transformações sociais, culturais, econômicas e educacionais. Novas dinâmicas foram criadas para continuar com afinco o ofício de ensinar. E, mesmo, em meio a esse turbilhão nove cursos - Odontologia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Relações Internacionais, Musicoterapia, Rádio, TV e Internet, História, Design e Moda do FMU|FIAMFAAM viveram memórias com seus discentes e docentes em celebração aos 20 anos de uma trajetória de sucesso. A seguir, um pouquinho da história de cada um desses cursos.



Acervo FMU

Fisioterapia

O curso de Fisioterapia já formou 1800 alunos para atuar na prevenção, cura e reabilitação de doenças, com vistas à melhoria da qualidade de vida dos seres humanos. De acordo com a coordenadora Juliana Duarte Leandro, o curso atua em três etapas: metodologia ativa de ensino, no qual o aluno é protagonista do seu aprendizado; simulação complexa, com treino da realidade do que irá encontrar no mercado de trabalho, e a abrangência dos estágios obrigatórios de 800 horas, realizado na Clínica Integrada da FMU.

Na Clínica, sob a supervisão dos professores, os alunos do curso atendem pacientes de todas as idades e de diversas patologias, a fim de auxiliá-los no processo de recuperação. "Oferecemos suporte necessário para que os alunos possam aprender e desenvolver habilidades, adquirindo experiência para o desenvolvimento de sua futura carreira profissional, na UTI neonatal, UTI adulto, enfermagem, centros esportivos, pediatria, neurologia, ortopedia e com profissionais de outras áreas", explica a coordenadora que lembra que, atualmente, por conta da pandemia,

a fisioterapia cardiorrespiratória tem tido uma alta procura, o que levou ao aumento de 700% na contratação deste profissional.

Osmar Theodoro é professor da FMU desde 2009 e relata que uma das premissas da instituição é ter um currículo moldado às demandas do mercado. Essa base profissional é destacada pela fisioterapeuta respiratória do Hospital Albert Einstein, Francinalda Alves de Queiroz, formada pela FMU em 2018. Ela ressalta a importância do suporte recebido na instituição com aulas práticas em laboratório para começar a desenvolver um raciocínio

clínico, possibilitando a aplicação do aprendizado.

A jovem fisioterapeuta iniciou a carreira e logo foi surpreendida pela pandemia do novo Coronavírus. Segundo Francinalda, no início havia muita insegurança, não se sabia muito bem como lidar, os recursos eram escassos, todos preocupados em adoecer, contaminar a família, tudo isso gerava tensão. Hoje, mais segura, ela tem clareza de que tem muito a percorrer na profissão. Para quem está pensando em cursar Fisioterapia, ela aconselha a entender que é uma profissão que ganhou novos espaços e que “então esse é o melhor momento”. Aluno do 4º semestre, Yukio Kuroda, escolheu Fisioterapia para adquirir mais conhecimento e dar um tratamento integral e mais completo para quaisquer pacientes. A opção pela FMU foi após pesquisas através de outros profissionais da área, mas segundo ele, o que foi determinante foi conhecer o campus Santo Amaro e a coordenadora do curso, que o recebeu e explicou como seriam aulas e o conteúdo voltado para a prática. Yukio comenta que desde os primeiros semestres teve aulas práticas que ajudam a absorver melhor o conhecimento e conquistar segurança. Hoje as áreas que estão no seu foco são as de terapias integrativas com ênfase na acupuntura e osteopatia.



Acervo FMU



Osamar Theodoro



Acervo FMU



Acervo FMU



Acervo FMU

Musicoterapia

O curso de Musicoterapia atua com música no contexto clínico de tratamento, reabilitação ou prevenção de saúde e bem-estar dos seres humanos. Maria Carolina Simões dos Santos, professora da FMU desde 2014, explica que a Musicoterapia tem como base o aprendizado pelo conceito e prática, trazendo a perfeita relação do ser humano com o som, de reconhecimento e de identidade. Além disso, o tratamento já é considerado uma Terapia Integrativa pelo SUS.

Na clínica escola, sob a supervisão dos professores, os alunos do curso oferecem atendimento humanizado à comunidade para que, por meio da experiência musical, consigam se conhecer melhor para socializar e trocar experiências sobre o seu momento de vida.

Carolina Lima da Silva, estudante do 4º semestre, avaliou muito as várias possibilidades antes de escolher a sua futura graduação. Musicoterapia chamou a atenção por dois motivos: sua paixão pela música e a vontade de ajudar ao próximo. A jovem estudante está estagiando na clínica e reforça que a faculdade já lhe deu uma visão ampla de trabalho, principalmente ao estimular a criação de projetos voltados para a área.

Quem corrobora essa informação é a musicoterapeuta social Carolina Loyola, formada na FMU em 2018. “Eu fui percebendo com mais profundidade quando participei de um processo seletivo e percebi o conhecimento que tinha.” Ela ressalta a importância tanto dos professores na supervisão dos trabalhos desenvolvidos quanto do networking feito no ambiente universitário.

Com a pandemia, tanto as aulas quanto a atuação no mercado precisaram de adaptações. “O nosso grande desafio foi adaptar o atendimento clínico. As associações de musicoterapia do país permitiram que usássemos a tecnologia de uma



Carolina Loyola

forma mais adequada e efetiva para continuarmos com a melhor prática da profissão”, explica a coordenadora Ana Maria Caramujo Pires de Campos.

Fonoaudiologia

O curso de fonoaudiologia engloba um leque de atuação no mercado de trabalho. “Quando você pensa que pode trabalhar na área educacional, também pode trabalhar na área hospitalar, com implante, com prótese auditiva, como coach empresarial, na área artística, teatral. É uma profissão ‘do futuro’”, conta a coordenadora do curso, Ana Paula Bautzer.

Sergio Rodrigues revela que a sua entrada no curso foi um acaso. O estudante, que já é formado em Música e atua como Regente de Corais, muitas vezes não conseguia encontrar um fonoaudiólogo para ajudá-lo em questões específicas com os alunos. Então, uma amiga de sua esposa contou sobre o desejo de fazer o curso na FMU, já que a instituição estava com um programa de acolhimento para veteranos. Com o apoio de sua parceira, ele não hesitou em procurar a faculdade.

“Isso foi em um domingo. Na

quarta-feira seguinte eu já estava matriculado, fazendo curso de Fonoaudiologia, ou seja, cai de ‘paraquedas’. E foi paixão à primeira vista. A primeira aula que eu tive de *Estrutura e Função Humana*, que é Anatomia, comecei a relembrar coisas do ensino médio, que eram paixões antigas, mas estavam guardadas, esquecidas. E reacendeu essa paixão”, relembra.

Irley Santos é ex-aluno da FMU e já lecionava aulas de canto anteriormente. Sua admiração pelo estudo da voz o fez ingressar na Fonoaudiologia. Hoje, além de possuir sua própria clínica, também faz uma pós-graduação, e já pensa no mestrado. “Quando eu entrei, não tinha noção do mercado, não tinha noção do corpo docente. Entretanto, quando eu comecei a entender melhor o mercado, fui percebendo o quão vasto era, e, aos poucos, eu pude entender o quão forte era a grade curricular da FMU.”

Mas nem sempre as escolhas por uma profissão surgem repentinamente. Alguns são apaixonados desde a infância. É o caso da professora Alessandra Araújo, fonoaudióloga com 26 anos de formação, que começou a lecionar na FMU em 2019.

Ana Bautzer



Ação Dia da Saúde Bucal

A professora lembra que a Fonoaudiologia também foi uma área afetada pela pandemia causada pela Covid-19 e, devido ao isolamento, adaptações foram necessárias. E Alessandra destaca como a tecnologia ajudou. “Antes os treinos eram feitos em uma cabine acústica, hoje é pelo computador. Já existem plataformas para fazer esse treinamento à distância de forma tão efetiva quanto no presencial.” Ela ainda esclarece que o atendimento presencial é indispensável, mas que as contribuições tecnológicas serão importantes para o futuro.

Odontologia

O curso de Odontologia, que comemorou 20 anos em novembro com o evento *Jornada Odontológica*, conta hoje com aproximadamente um mil alunos. “Eu costumo falar para os alunos que a gente precisa de um corpo docente atualizado, um planejamento pedagógico de qualidade, inovador, contemporâneo e infraestrutura de ponta. E tudo isso a gente tem na FMU. Mas o que diferencia ou não o profissional a se destacar e ter sucesso na carreira, é o seu empenho no estudo”, explica Samantha Cavalcanti que assumiu

recentemente a coordenação do curso, mas que já fazia parte do corpo docente desde fevereiro de 2015. A aluna do 7º semestre Shaara Rayane, recorda a escolha da graduação que sempre sonhou. “Eu sou do Ceará, vim para São Paulo morar com dois tios porque eu sempre quis estudar Odontologia, sempre foi um sonho e eu consegui bolsa do Prouni. Escolhi a FMU porque já tinha uma prima que estudava Odontologia aqui”, diz a estudante.

Já para a ex-aluna Francieli Pereira, a

escolha só aconteceu depois de cursar sua primeira graduação em Biologia. A odontóloga se formou em 2017 e ainda possui lembranças importantes da sua jornada acadêmica: “a primeira anestesia, cirurgia, a prótese. Tudo que foi primeiro é uma coisa que me marca muito.”

A egressa também não tem dúvidas que foi preparada para o mercado de trabalho pelos docentes do curso. “O professor para mim foi o diferencial porque eles me mostraram tudo que eu podia fazer na Odontologia, tanto a parte acadêmica, como na vida, de como a gente pode se posicionar na ‘odonto’, mercado de trabalho. Deu essa visão mais ampla.”

Para Samanta, mesmo com a pandemia, o curso que necessita de diversas atividades práticas, conseguiu se adaptar bem devido a tecnologia. A professora Audrey Castaldoni também concorda e conta que, por um lado, foi interessante participar de congressos internacionais da área no formato online sem precisar se deslocar e reconhece a importância dos avanços tecnológicos para a formação. Ela, que entrou na FMU em 2011, acredita que, no momento, mudanças curriculares poderiam ser importantes pensando no fator



Evento Jornada Odontológica

Shaara Rayane

pandemia. “Seria muito bom se a gente pudesse postergar a parte prática, para depois da pandemia, para que tivessem mais clínicas, mais laboratórios, mais simulações. É onde a gente obrigatoriamente tem que estar presencialmente. E deixar algumas coisas para serem feitas online que funcionam bem.”.

O curso de Odontologia dispõe também de projetos de extensão e clínicas voltadas para o atendimento à comunidade. Dessa forma, os futuros dentistas têm a oportunidade de aprender na prática o que é ensinado na teoria, além de ajudar pessoas na saúde bucal. “Não vejo a hora de me formar. Eu vejo um futuro lindo, eu quero trazer felicidade, trazer sorrisos lindos por aí”, diz Shaara, empolgada com a sua profissão.

História

O profissional formado em história tem habilitação para atuar em escolas, universidades, ministrar cursos livres, desenvolver pesquisas e conteúdos didáticos, além de poder desenvolver conteúdos turísticos. A formação em História da FMU permite ao aluno entender o conceito do evento, não apenas reproduzir textos de materiais didáticos.

O professor André Mendes, docente mais antigo do curso, afirma que “o historiador deve estar solidamente formado em um tripé: teoria, prática pedagógica e conteúdo específico. Assim o profissional estará apto a fazer, com clareza, as escolhas que invariavelmente teremos que fazer durante a vida”.

A coordenadora do curso, professora Cintia Rolland, bacharel em História pela Universidade de São Paulo, mestre em arqueologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutora pela École Pratique de Hautes Études, Paris, afirma que: “apenas temos a visão que temos hoje porque temos um passado atrás de nós. Se em um momento você acorda



Alunos em prática de Clínica Odontológica

Samantha Cavalcanti

sem memória e não tem história, você não tem nada. (...) É um curso tradicional, com 20 anos, mas que se remodela para acompanhar as exigências do mercado”.

E não é apenas nos olhos dos atuais alunos do curso que é possível ver o brilho por sua formação e pelos colegas que os acompanham. O professor João Misael Brossa, formado em 2013 na FMU, foi convidado a ocupar uma das cadeiras de docentes em janeiro de 2020. “Guardo com carinho a lembrança de uma visita de

campo no Pátio do Colégio quando estava no primeiro semestre do curso, promovida pelo professor André Mendes. Essa visita me fez ver que a história não é uma narrativa apenas factual. Mais à frente, quando estava no último ano, tive um problema financeiro e teria que trancar o curso, mas não me permitiram. Durante um ano inteiro meus colegas e professores fizeram ‘vaquinha’ e me ajudaram com bolsa de estudos para que eu pudesse finalizar a graduação. Guardo muitas memórias boas dos meus colegas”.



Visita técnica ao Triângulo Histórico de São Paulo/Pátio do Colégio

André Oliva

André Mendes



Semana de História 2015 com a presença do Sr. Tomas Venetiener como palestrante

Para os alunos, a história do curso e sua reputação são de grande peso ao escolherem a instituição. “A FMU traz um nome muito bom, além dos conceitos elevados no ENADE e do corpo docente altamente qualificado”, diz Rhaissa Silva, embaixadora das turmas de 7º e 8º semestres do curso. “Quando escolhi a FMU, todos esses fatores, além da grade curricular, foram de grande importância.”

Por se tratar de um curso de licenciatura, voltado a práticas acadêmicas, o currículo apresenta uma formação sólida nas áreas associadas à pedagogia, capacitando o aluno a ingressar no mercado assim que terminam a formação. “Temos um apoio muito grande dos professores. Neste último semestre, estamos trabalhando em um projeto que envolve podcasts e aulas gravadas, chamado *‘Humanos y Manas’*. Esse projeto nos permite ter contato direto com a responsabilidade que é o dia a dia do preparo de aulas e o peso da interpretação pessoal”, aponta Rhaissa. “Também há o projeto Clássicos na Veia, que permite que as pessoas tenham contato com os clássicos da história”.

Alinhado às aulas teóricas, os alunos têm acesso a visitas monitoradas e projetos de iniciação científica, que ajudam a colocar em prática o que é

estudado na teoria, pois “é necessário preservar a percepção de que a análise histórica só é possível se há repertório específico, pedagógico e teórico”, conforme palavras do professor Mendes.

E é na atuação que o profissional formado em História pela FMU se destaca. A instituição é uma das mais famosas entre as instituições privadas, recebendo destaque em diversos processos seletivos. O nome consolidado da FMU no mercado de trabalho dá vantagem ao formando. “O mercado já enxerga o curso da FMU com bons olhos”, diz Misael.

Design

Outro curso que comemorou 20 anos em 2020 foi o de Design que tem como diferencial ser um “curso que respeita a história do aluno e o capacita a escolher sua especialização, formando-o com base no ser humano e desenvolvendo projetos com foco em atendê-lo”, conforme explica o professor Edney Eboli dos Santos, docente há 18 anos na instituição. E ele completa: “o papel do profissional de Design é conceituar o produto para que ele se adapte a vida das pessoas. (...) O produto deve respeitar a cultura e o contexto do usuário, (...) de modo que o Design está muito

além da aparência da peça”.

Uma vez que se trata de uma formação de abrangência global, a professora e coordenadora do curso há 11 anos, Virgínia Bertomeu destaca a importância de “mesclar as formações”. Assim, o aluno participa de oficinas e desenvolve projetos de modo que “no final do semestre, tenha um produto pronto que irá compor seu portfólio.”

Além disso, com o avanço da tecnologia, principalmente no que tange o design digital e de serviços, a equipe docente se desdobrou para adequar as aulas ao ambiente digital encontrando mais dificuldades em relação aos espaços físicos na hora da confecção dos objetos. “Os professores trazem, dentro do possível, a produção com os materiais que são de mais fácil acesso”, explica a professora Virgínia.

E nem mesmo a crise provocada pela pandemia diminuiu o gosto do aluno de Design da FIAM pela sua formação. Para Paulo Anderson Furtado de Andrade, embaixador da turma de 7º semestre, a faculdade oferece uma grande contribuição profissional, pois “tem matérias e aulas que permite aprender como pegar um projeto, separar ele por etapas, definir tempos determinados para cada tarefa. Essa parte de gestão me ajudou muito nos trabalhos que desenvolvo como *freelancer*”.

Para desenvolver ainda mais a autonomia, o aluno de Design tem o Estúdio Experimental de Design, como explica Paulo. “É uma área onde nos reunimos semanalmente e discutimos projetos para dentro da faculdade. Por exemplo, a atlética está precisando de uma nova identidade visual. Então esse projeto era encaminhado para o estúdio experimental e os estudantes inscritos trabalhavam para desenvolver esse projeto. (...) Também tínhamos oportunidades de trabalhar com campanhas publicitárias dentro da faculdade e movimentar o próprio *Instagram* do curso”.

Acervo FMU



Carro movido a gravidade

Acervo FMU



Equipe vencedora do prêmio de design do carro movido a gravidade

Apesar de a área de design de produto estar prejudicada devido à saída de empresas do país e ao aumento de importações, a área gráfica, principalmente digital, está a todo vapor. Para a professora Virgínia, “é importante focar ainda mais no design digital de serviços e abranger toda a solução de problemas, pois a modernização das marcas nunca vai deixar de existir”.

Outro ponto de destaque é a possibilidade de participação em concursos, como o de design de um carro movido a gravidade. “Nós colaboramos com a equipe que montou o carro, mas o projeto ganhou o prêmio na categoria Design. É um grande orgulho”, conta a professora.

Moda

Além de ser capaz de identificar tendências de moda e selecionar materiais para as composições, o profissional formado em moda na FIAM possui habilidades de destaque no mercado de trabalho como a gestão, visão estratégica e o senso empreendedor. Vale mencionar nomes conhecidos como o paulista *I Need Brechó* e o nacional *Kengá* formados por aqui.

Tendo em mente a principal macrotendência do mercado, a sustentabilidade, o aluno e embaixador da turma de 7º semestre (matutino), Leonardo Silva dos Santos, já irá se formar com sua marca

recém-lançada, a *Iraçuã camisetas*. “Sustentabilidade é um pilar para qualquer negócio. Os professores batem muito nessa tecla e na boa remuneração da cadeia produtiva. O processo cultural tem que evoluir e o papel do curso é fazer com que os novos profissionais se formem com essa cabeça”, conta com orgulho.

É importante estar atento às modificações do mercado, principalmente as que vieram a partir da pandemia. Assim, os profissionais vêm focando cada vez mais em experiências que envolvam uma nova forma de o consumidor experimentar esse processo de compra. “Os provedores eficientes, por exemplo, possuem *scanners* que simulam o processo de provar e trocar de roupas, de modo que, a pessoa não precise levar para o cubículo diversas peças para serem provadas”, diz a professora Bethânia Zago, formada na FIAM.

Durante toda a formação, os alunos vivenciam o desenvolvimento de tendências e novas tecnologias no ambiente acadêmico, assim como no mercado de trabalho. Leonardo conta que, durante o curso, são desenvolvidas habilidades importantes como “a pesquisa de tendência, o desenvolvimento de coleções e a gestão de lojas e comércios. (...) Os professores trazem para dentro da sala de aula suas experiências pessoais e profissionais, tornando o processo de aprendizado mais intuitivo pois o pessoal se sente mais envolvido”.

Seguindo o desenvolvimento tecnológico e as exigências cada vez mais atuais do mercado de trabalho e consumidor, o curso de moda da FIAM mescla gerações e ideologias que proporciona aos alunos participar de oficinas e concursos externos, tendo a possibilidade de serem vistos pelo mercado antes mesmo de se formar. “Trazemos para o curso trabalhos interdisciplinares com projetos que envolvem situações reais do mercado. O aluno analisa



Leonardo Silva

Leonardo e a professora Clarice Keiko



Acervo FMU

Aula prática da disciplina de Moulage, professora Clarice Keiko

uma marca e indica uma proposta de melhoria”, revela a professora Bethânia. Também são realizadas visitas externas à fábricas para que os alunos presenciem o dia a dia de um profissional da área, além dos relatos profissionais que são trazidos durante a Semana da Moda promovida pela faculdade semestralmente.

“Eu já gostava do mercado de moda e admiro muito. O curso me surpreendeu. Entendi que não é o lugar, mas sim as pessoas que fazem a faculdade”, relata o aluno-empresendedor Leonardo. “É um curso que exige um investimento em materiais, porém é um processo muito enriquecedor. Vejo as meninas com quem dividi minha graduação, o quanto elas se desenvolveram. (...) Mesmo com a crise, a gente ainda consegue sair do curso com uma expectativa positiva. Eu faria tudo de novo”.

Relações Internacionais

O curso de Relações Internacionais (RI) envolve áreas importantes como o Direito, a Economia e a Política e ao contrário do que muitos imaginam ela permite outros campos de atuação, além da diplomacia. “A pessoa pode trabalhar, por exemplo, em empresas nacionais e multinacionais, na área de internacionalização, comércio exterior, de negócios. É possível também atuar no terceiro setor com ONGs porque, normalmente, o aluno de RI é muito engajado”, explica a coordenadora Stella Schrijnemaekers, que está no curso de RI há 13 anos.

Para Thiago Mattioli, professor do curso, a interdisciplinaridade adotada pela área concede uma formação ampla para os alunos e permite que docentes lecionem diversas disciplinas na faculdade. “Então, não tem uma disciplina específica que seja minha. Já ministrei as de Teorias de Relações Internacionais, de Simulação de Negócios Internacionais, TCC, mas também Economia, de Política,

de História.” Desde 2018 na FMU, Thiago entende que mudanças curriculares são importantes para a constante evolução da graduação. “O curso de RI não pode ficar parado. O que eu falo hoje para o aluno amanhã pode ser que mude. O nosso curso sempre passa por mudanças.”

Mas a grade curricular e o mercado de trabalho não são os únicos pontos levados em consideração na hora da escolha por estudantes que buscam um futuro profissional ou acadêmico. Os anos na faculdade precisam fornecer boas experiências aos alunos. E isso também não se restringe a um período limitado. Tanto o antes, como o durante e o depois são importantes. Esse foi o caso do ex-aluno Athilio Santos. Na hora da sua busca por uma escola superior, conheceu algumas universidades, mas a única em que pode ter uma conversa prévia com a coordenação foi na FMU. “Era semana de RI e o coordenador me chamou pra conversar, me mostrou o curso, eu me senti acolhido e com segurança”, recorda.

Athilio não tem dúvidas da importância da instituição nesse processo. “Hoje eu só sou quem eu sou, na empresa que eu estou, pela confiança que as pessoas me depositaram. E só faço isso muito por causa de toda a bagagem que eu tive, as palestras que eu participei, as pessoas que eu tive convívio, os lugares que eu visitei.”

Matheus Jeremias, atualmente no sétimo semestre, diz que ainda não tem uma resposta certa para a escolha do curso, mas que certos hobbies o influenciaram a trilhar esse caminho. “É interessante porque essa dinâmica começa até mesmo no ensino médio. Quando eu era criança eu gostava muito de bandeiras dos países. Eu acompanhava muito futebol, então sempre gostei de símbolos, de emblemas, de bandeiras, principalmente na época de Copa do Mundo”, diz o estudante.

O que era apenas um desejo juvenil, deu espaço para a realização da



Aula de Simulação

Thiago Mattioli



Thiago Mattioli

vida adulta. “Eu entrei meio que não sabendo exatamente o que faz um Internacionalista, mas por curiosidade acabei adotando um estilo bem curioso durante o curso. E hoje eu tenho a certeza de que é que eu quero.”

A comemoração do curso, infelizmente, não pôde ocorrer presencialmente. Devido a pandemia causada pelo Covid-19, as atividades para celebrar uma data tão significativa precisaram ser on-line. Mas isso não foi um problema. “No final das contas a pandemia acabou ajudando porque começamos presencialmente com uma aula magna do Cônsul do Japão, falando sobre relações Brasil e Japão, no início de março, e aí já entramos em quarentena. Rapidamente começamos a organizar palestras, debates e

discussões online. Foram 39 eventos entre palestras, discussões e debates de documentários”, comemora a coordenadora.

Rádio, Tv e Internet

O curso de Rádio, TV e Internet da FIAM prepara profissionais para atuar na criação, edição, direção e gerenciamento de conteúdos que serão veiculados pelo rádio, televisão e Internet. De acordo com o coordenador Fernando Leme, o curso consegue entregar ao mercado muitos produtores, editores, diretores de programas, locutores, tanto para rádio, quanto para TV, assim como no terceiro setor e pesquisas científicas. Muitos novos mercados passaram a ter a necessidade destes profissionais.

Andréa P. Llopis, professora da FIAMFAAM há 19 anos, relata que uma das premissas da instituição é deixar o aluno o mais próximo da realidade do mercado de trabalho. “Mas o grande diferencial da FIAMFAAM são os professores, pois se esforçam muito para dar o melhor aos seus alunos”, destaca.

Essa base profissional trouxe para Karla Cerqueira, formada em 2016, a possibilidade de trabalhar na One Production em Dublin, na Irlanda. Ela ressalta a importância do suporte recebido na instituição e a importância dos trabalhos de produção que precisou desenvolver durante a graduação, o que, segundo ela, ajudou a abrir portas para o mercado de trabalho, principalmente fora do Brasil.

A jovem egressa motivada por uma perda familiar e já tendo absorvido alguma experiência profissional, decidiu enfrentar o mercado no exterior. Ela realizou um planejamento para esta transição ao pesquisar o melhor local para atuar na sua área e aprofundar o conhecimento na língua inglesa.

Aluno do 7º semestre, Victor Hugo, escolheu Rádio e TV para ampliar as opções no mercado de trabalho, pois sua primeira formação não estava lhe dando o retorno desejado. Victor, comenta que desde os primeiros semestres teve a oportunidade de aprender na prática, o que ajudou a absorver melhor o conhecimento. Atualmente ele trabalha na Rádio Arquibancada Esporte Clube realizando coberturas esportivas como repórter e comentarista e tem a certeza de que está no caminho certo. Por conta da pandemia muitos desafios foram enfrentados pelos alunos e professores. “Mas com o apoio das metodologias ativas que têm o objetivo de tornar o aluno protagonista em sala de aula, uma nova forma de aprendizado foi proposta: foco nos temas, aulas dinâmicas, cases e experiências com muitos recursos tecnológicos”, explica o coordenador.

Ainda por conta da pandemia que impediu a vivência de aulas práticas nos laboratórios, a faculdade fez uma parceria com a Microsoft para que os alunos utilizassem em casa os softwares necessários para aprender e a desenvolver novas habilidades. “Os estágios e monitorias realizados na Rádio FIAMFAAM, FMU-TV, AICOM e Revista DUMELA, que são veículos de apoio para o aprendizado, trouxeram um ganho exponencial para esses estudantes, além de um diferencial o futuro profissional no mercado de trabalho”, ressalta Fernando Leme.

* Alunas do curso de Jornalismo do 4º, 6º e 3º semestres, respectivamente.



Andréa Llopis



Acervo FMU



Karla Cerqueira

“Aceitar o racismo nunca foi e nunca será uma opção”

O jornalista e amante de viagens, Guilherme Soares, revela como encontrou no turismo espaço para engrandecer a história do povo negro

Por Karina Souza Quenist*



Arquivo pessoal

Arquivo pessoal

Jornalista especializado em turismo, Guilherme Soares realizou, em 2016, uma viagem por países dos cinco continentes

A vivência negra no Brasil ainda é um tema que dificilmente entra em pauta com um viés positivo. A pobreza, o desemprego e a violência sofrida por essa parte da população é um assunto que se deve sim ser escancarado nos noticiários nacionais, mas vidas negras vão para além disso. A história negra pode ser considerada uma das mais ricas, porém a mais apagada e encoberta também. O racismo estrutural, institucionalizado, provoca o apagamento dessa história. Em contrapartida, a busca pela verdadeira história negra no Brasil e no mundo tem atraído o interesse da população negra, despertando a curiosidade, a necessidade por reconhecimento e identificação.

Jornalista há mais de dez anos, Guilherme Soares criou o blog *Guia Negro* e hoje é referência no tema turismo negro. “Eu acho importante incluir espaços com memórias negras na rota turística para que as histórias sejam contadas e para que seja possível fazer um turismo diferente e se reconectar com a sua história, com a sua cultura por meio de uma viagem”, diz o empreendedor, sócio da agência de viagens Black Bird Viagem, organizadora da Caminhada São Paulo Negra, autor do livro “Dias pela Estrada” - que retrata uma viagem feita em 2016 por países dos cinco continentes -, sabe bem como é ser negro em espaços ocupados por uma maioria branca.

Ao falar sobre o caminho da identificação racial, Guilherme declara: “Você não vai conseguir viajar da mesma forma, não vai enxergar as situações como antes”. E é assim que Guilherme, com numa narrativa sobre viagem, na entrevista a seguir, nos conta sobre surgimento do blog, afrofuturismo, identificação e resistência negra.

DUMELA: O *Guia Negro* surge em 2017 com uma proposta de experiências diversas. Conte sobre a formação deste projeto e sua importância para os lugares e narrativas negras.

Guilherme Soares: A proposta do *Guia Negro* surgiu depois que eu

fiz um mochilão de um ano e percebi que tinham poucas pessoas negras fazendo viagens longas e falando sobre viagens de uma perspectiva negra, mas sim de uma ótica que eu chamo de branca. Existiam muitos blogueiros e sites especializados em viagens, mas ninguém falava como é viajar sendo preto. Eu como jornalista, freelancer na época, comecei a tentar vender essa pauta para diversos tipos de mídia e percebi que nem sempre era aceita. O interessante é que de lá pra cá, eu percebo que o assunto tem mais visibilidade, é mais discutido e entrou em pauta.

D: Sobre o mochilão que iniciou o projeto Guia Negro, qual o lugar mais improvável que você encontrou uma história negra muito rica?

G: É interessante falar sobre isso, porque nem sempre eu viajei com esse olhar para conhecer lugares com culturas negras. Em 2016 quando eu fiz esse mochilão, eu ainda não tinha esse olhar e viajei para lugares de turismo tradicional. Mas, mesmo nesses mesmos lugares, agora se eu for para Paris, eu sei que eu posso visitar a Torre Eiffel, que é o que todo mundo vai conhecer, e posso visitar também um bairro africano com bares, restaurantes, lojas de tecido. Hoje pela internet eu conheci muita coisa, por exemplo, na Austrália, que tem uma cultura aborígene muito forte e tem alta imigração africana. Então você consegue consumir em diversos restaurantes com comida típica africana, tem uma rua com todas as bandeiras africanas, que tem uma comunidade africana muito forte em Melbourne.

“Essa história (população negra) deve ser contada do ponto de vista de pessoas negras, colocando essas pessoas no papel delas, de heróis, de contadores da história”



Guilherme Soares apresenta a São Paulo Negra durante caminhada organizada pela Black Bird Vigem

D: Aqui no Brasil, a Black Bird Viagem, empresa da qual você é sócio, organiza Caminhada São Paulo Negra. Foi possível continuar o projeto durante a pandemia?

G: Nos primeiros sete meses da pandemia nós ficamos parados, mas de outubro a fevereiro voltamos com a caminhada presencial, com poucas pessoas, máscaras e tal. A caminhada é ao ar livre, então tinha essa possibilidade ter a retomada das atividades. E com a parada das atividades novamente, liberamos uma versão online que já estava pronta, mas não tínhamos lançado ainda porque a caminhada presencial tem uma riqueza de detalhes que a gente gosta de valorizar. Mas entendemos que tinha uma necessidade, uma demanda de pessoas online, de outros estados até, querendo conhecer essa história.

D: O afrofuturismo vai além do entretenimento presente nos trabalhos com “Black Is King”, da cantora Beyoncé, e do filme “Pantera Negra”, dos estúdios Marvel. Histórias como a da rainha do Egito Antigo, Nefertiti, foram redescobertas e estão sendo espalhadas de pessoas negras para pessoas negras e isto acaba

evidenciando a participação de figuras para além da escravidão e gerando identificação aos indivíduos que consomem esse tipo de conteúdo. O afrofuturismo pode ser definido de diversas formas, mas o que há de comum em suas representações é a inserção e o reconhecimento da raça negra ao redor do planeta, através das eras e em diferentes dimensões. Como o afrofuturismo pode atuar em benefício daqueles que ainda estão trilhando o caminho da identificação racial?

G: Muita gente que sempre foi negra, mas acabou de se descobrir politicamente falando, tem essa mudança de chave, de ter um outro olhar, de se enxergar nas histórias da cidade. Eu digo que é um movimento que não tem volta. Você não vai conseguir viajar da mesma forma, não vai enxergar as situações como antes. Ele traz esse fortalecimento para a autoestima, traz um reconhecimento intelectual para a pessoa e entrega mais elementos para se defender de uma situação de racismo talvez. Eu digo que quando isso aconteceu comigo, eu poderia facilmente me impor em uma situação dessas.

D: Por que a identificação com a ancestralidade negra tem se

tornado pauta tão recorrente nos últimos anos?

G: Esse é um processo que eu não acho que dê para precisar quando teve início e não vai dar para falar quando ele tiver fim, porque a gente tem toda uma evolução. Quando o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) classificou pessoas pretas e pardas como pessoas negras e a gente conseguiu enxergar isso. E a cada Censo o número de pessoas negras cresce mais, não porque nascem mais pessoas negras, mas porque cada vez mais as pessoas se identificam como tal. E quando esse grupo começa a se olhar como negro, ele começa a querer se orgulhar, começa a se dizer “meu cabelo não é feio”, “meus traços não são feios” e começa a tentar valorizar através de vários meios, seja pela questão estética dos cabelos, através da moda com as estampas, seja através do questionamento do “por que que a gente não está na TV, nas revistas, nas empresas nos cargos de chefia?”. Então é uma série de questionamentos que vamos ouvir muito falar nisso. Além disso, tem uma revolta ao perceber a criminalização do negro. Nós somos os que mais morrem, a cada 10 pessoas que a polícia mata, 7 são negras de acordo com dados de 2019. Então é uma questão muito presente ainda. Qualquer pessoa negra conhece ou sofreu algum caso de racismo simplesmente porque o tom da pele é mais escuro ou porque possui algum traço negroide.

D: A história do Brasil foi construída principalmente por corpos negros, mas foi muito embranquecida ao longo dos anos. Qual seria a melhor forma de resgate dessa história para que ela seja contada de forma correta?

G: Essa história deve ser contada do ponto de vista de pessoas negras, colocando essas pessoas no papel delas, de heróis, de contadores da história. Por exemplo, durante o período escolar, quando se estuda a escravização, por mais que se fale

em algumas revoltas, elas parecem dispersas, como se a escravização tivesse sido aceita pelas pessoas negras. Não se aprende que teve uma série de tentativas das pessoas negras para acabar com esse sistema. Ainda se fala muito que tudo bem naquela época ser racista, quando se fala de Monteiro Lobato, por exemplo. Aceitar o racismo nunca foi e nunca será uma opção. É uma questão de discussão histórica mesmo, porque os arquivos da época da escravização foram queimados, então a gente precisa reconstruir essa história. E é impressionante como as contribuições das pessoas negras para cultura brasileira, em algum momento foram perseguidas, como o samba, as religiões africanas, o funk. Infelizmente, a gente tem essa tentativa de criminalização e de constante desvalorização dessa cultura. A história negra ainda está muito na marginalidade, então é importante questionar as homenagens às estatuas espalhadas



Heitor Salatiel

pela cidade, porque hoje a gente sabe que Os Bandeirantes não foram só heróis. Um outro exemplo é que no último dia 20 de novembro, a Folha de S. Paulo (jornal) falou sobre invisibilidade da história negra no caderno Ilustríssima, que eu costumo brincar que é o horário nobre do jornal impresso porque é um caderno que se propõe a pensar, e quem escreveu foi um repórter branco, então ainda é o olhar dos brancos que é valorizado sobre a nossa história.

D: Qual a importância de incluir espaços com memórias negras no circuito turístico nacional?

G: Eu acho importante incluir esses lugares na rota turística para que as histórias sejam contadas e para que seja possível fazer um turismo diferente e se reconectar com a sua história, com a sua cultura por meio de uma viagem. Por mais que o racismo não tire férias, você é fortalecido porque ali tem uma figura importante, você tem o reconhecimento de que aquilo é o que você quer conhecer e não porque aquele lugar é considerado obrigatório por uma cultura branca.

D: Dados do último trimestre de 2020 do IBGE mostram que ser negro e ter um emprego garantido durante a pandemia do Coronavírus se tornou o maior dos privilégios deste período. Dos 13,9 milhões de desempregados, 72,9% são negros. No jornalismo, a falta de diversidade nas redações não é nenhuma novidade. Você também é integrante da Cojira (Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial de São Paulo). Qual a importância da criação da Cojira para os jornalistas e o jornalismo e como a Comissão tem atuado na obtenção da igualdade racial no mercado profissional?

G: A Cojira nasce em 2001 para discutir a questão da igualdade racial no jornalismo como um todo, com uma proposta de falar da falta de diversidade na imprensa que se

reflete também nas pautas. Para falar de como a desigualdade na população negra é coberta, como esses jornalistas negros sofrem racismo também nas redações. E ela ajuda também na capacitação de jornalistas, seja em debates, seminários ou cursos que levantam essas discussões que são importantes.

D: Como é ser empreendedor negro no Brasil?

G: Muitas vezes a gente tem a questão de, em um shopping, em uma loja, sermos vistos como funcionários e não um empreendedor. Tem a violência policial e uma série de dificuldades que não se fala tanto, como networking. Eu sou de um bairro da periferia, os meus amigos são de lá e eles não empresários, não são empreendedores. Eu não tenho uma gama de contatos de networking que desde sempre as pessoas brancas têm. E para além disso, eu não tenho um investimento familiar que eu possa usar. A gente precisa ainda construir isso, fora que temos menos possibilidade de ter acesso a crédito bancário. E durante a pandemia, aonde as pessoas negras têm mais chances de terem suas rendas diminuídas ou anuladas, sem reservas. Então, aí sim entra a questão do resistir para não fechar, para não quebrar. Mas eu vejo também a possibilidade de enxergar novas possibilidades, já que passamos por outras dificuldades, e enxergar chances em questões que ninguém apontava como urgente.

D: Muito se fala em “resistir”. Resistir aos preconceitos, ao assédio, à violência. Para você, o que é resistir?

G: Na situação de hoje, para mim resistir tem um aspecto diferente. Eu costumo falar que a minha resistência é ser feliz. Às vezes é não se pautar pelas dores e sim por exemplo, viajar. Fazer coisas que não foram pensadas para uma pessoa negra e resistir sendo feliz fazendo-as, seja viajar, tirar férias se tornar chefe. É levar

a questão da possibilidade do bem viver que as mulheres negras falam tanto, de ter essa “não preocupação” que os brancos têm.

“Nós somos os que mais morrem, a cada 10 pessoas que a polícia mata, 7 são negras de acordo com dados de 2019. Então é uma questão muito presente ainda. Qualquer pessoa negra conhece ou sofreu algum caso de racismo simplesmente porque o tom da pele é mais escuro ou porque possui algum traço negroide”

D: Pensando que pessoas negras vislumbram novas possibilidades por passarem dificuldade diferentes das pessoas brancas, pode-se enxergar aí a importância do Black Business para a comunidade negra?

G: Com certeza. O fortalecimento da comunidade no mundo capitalista e fazer esse dinheiro negro voltar para pessoas negras ao consumir as novas possibilidades oferece a opção engrandecer a nossa história também.

D: O campo da comunicação é bastante elitizado e embranquecido. Qual dica você daria para os comunicadores negros que buscam se destacar no mercado de trabalho?

G: Eu sou mineiro, que tinha uma carreira em Campo Grande (MS), antes de vir para São Paulo, mas era uma carreira muito genérica. Eu cobria várias coisas, não atendia uma área específica. É óbvio que em início de carreira é ótimo a gente experimentar várias coisas, televisão, assessoria, impresso, mas é importante também escolher um nicho e focar nele. Eu, por

exemplo, por mais que atenda várias coisas ainda, eu tenho uma área de cobertura mais específica. No turismo, eventualmente, alguém pode chegar até o meu nome. E isso ajuda a me destacar. Então se eu fosse um jornalista generalizado ainda, isso não aconteceria. Então é a questão de escolher uma área que você naturalmente gosta, e vai ler sobre, e persistir ali. E se não tiver espaço para você, crie e siga tentando!

* Jornalista graduada pelo FIAM-FAAM Centro Universitário. Apaixonada por música, ficção científica e romances. Curiosa para entender mais sobre o mundo e comportamento, registra tudo que pode com sua câmera. Com experiência na área, busca uma oportunidade de se tornar assessora de imprensa ou repórter no ramo do entretenimento.

A arte do papel artesanal nos territórios do bagaço da cana-de-açúcar

Caminhos investigativos da arte educação para relações étnico-raciais a partir da papelaria

Por Leonardo G. Gomes*

Não é raro a expressão “folha em branco” ocupar os sentidos de um lugar pretensiosamente *neutro* no qual se abre inúmeras possibilidades. Contudo, tanto a arte de fazer papel, quanto as artes que deixam mensagens sobre ela, são exemplos de que não existe nada mais enganoso do que a neutralidade dessa expressão. Em torno do papel, podemos encontrar não somente lutas históricas para dominar as técnicas e saberes de sua feitura, mas também guerras que ocupam sua superfície, com mensagens que, em suas linhas e entrelinhas, contornam sentidos, corpos, territórios e subjetividades.

Deste modo, compartilharemos algumas experiências do projeto de extensão do Centro Universitário FMU, *Ecos: a arte no papel de todos*, desenvolvidas com o papel artesanal do bagaço da cana-de-açúcar como um caminho investigativo que possibilita refletir as relações étnico-raciais a partir da arte educação.

O papel *Ecos* nasce em agosto de 2017 e possui três núcleos de atuação: 1) *formação em papelaria*, que trata da capacitação em papelaria e na gestão de oficina de papel artesanal; 2) *grupo de estudos e pesquisa*, que investiga diferentes matérias-primas e suas aplicações, assim como os impactos sociais e ambientais na

produção papelaria; 3) *poéticas e experimentações artísticas*, que versa sobre possibilidades de usos e aplicações do papel artesanal através de poéticas e narrativas visuais. Dentre os materiais utilizados na feitura do papel, são investigadas fibras descartadas em feiras de rua. Desta forma nos deparamos com o bagaço de cana-de-açúcar, que mobilizamos como território de pesquisa e de criação.

Ao tomar a cana não somente como *produto*, mas também como *produtora* de códigos e valores culturais, torna-se possível aproximar as relações étnico-raciais em torno das oficinas de papel. Assim, a partir da cultura da cana podemos problematizar aspectos fundamentais da própria constituição dos territórios brasileiros, tanto na dimensão espacial, quanto social e subjetiva – que se desenharam e ainda se desenharam por meio dos latifúndios, da monocultura, da escravização indígena, africana e infantil, da figura dos coronéis, da desigualdade e divisão de renda, do racismo estrutural, dentre outros elementos.

O termo “engenho” provém do grego “mecanismos” (μηχανισμός), que se refere a um artifício, um recurso. Inicialmente, o engenho tratava-se tão somente dos mecanismos de moagem da cana-de-açúcar. No

entanto, no decorrer dos séculos posteriores ao XVI, a palavra passa a abranger também toda a propriedade – da casa-grande à senzala, do moinho às pessoas escravizadas. Os recursos e artifícios para fazer operar a cultura da cana são incorporados contornando modos de vida que demarcam lugares e subjetividades até a atualidade.

Por outro lado, a arte do papel chega ao território brasileiro por conta dos povos mouros que ocuparam a Península Ibérica durante os séculos VIII a XV. Deste modo, Portugal conhece não somente as técnicas da papelaria, mas também o cultivo da cana-de-açúcar. Este encontro da papelaria e do cultivo da cana provém de saberes oriundos de povos que habitavam o norte da África, que conheceram a arte do papel através da rota da China e o cultivo da cana por meio de povos da Índia e Melanésia. Ao passo que o cultivo de cana foi implementado no século XVI, os moinhos de papel, por sua vez, ficaram sob os domínios da metrópole até o ano de 1809, mesmo ano da Imprensa Régia no Brasil, quando a primeira indústria de papel é instalada no Rio de Janeiro. Antes disso, a produção papelaria representava um perigo aos interesses da coroa portuguesa, visto poder difundir saberes indesejados à manutenção da colônia.

Nestes registros, as oficinas do papel Ecos procuraram versar sobre os territórios da papelaria em torno do bagaço da cana-de-açúcar, mobilizando tanto conhecimentos e técnicas ancestrais da arte de fazer papel, mas também situando criticamente os saberes e as técnicas frente aos vários territórios que ocupam. Depois de percorrer brevemente estes territórios, como se posicionar frente ao papel? A partir da feitura dos papéis de bagaço de cana e das discussões acerca dos territórios críticos da papelaria, o projeto contou com a produção poética de papeleiros e papeleiras que compartilhamos aqui com vocês.



Vinicius do Rosário



* Papeleiro, Arte Educador e Artista Visual. Coordenador do projeto de extensão “Ecos: a arte no papel de todos” e docente do curso de Artes Visuais do Centro Universitário FMU|FIAMFAAM. Formado em Filosofia e Pedagogia e Mestre e Doutor em Educação pela UNESP.



Enaila Rocha (à frente) e Stela Rogério (ao fundo)

Acervo Papel Ecos



Maria Carolina de Jesus (2019), linoleogravura. Por Leonardo Gomes



Série "Antes que me façam esquecer" (2020/21), colagem. Por Manoel Messias

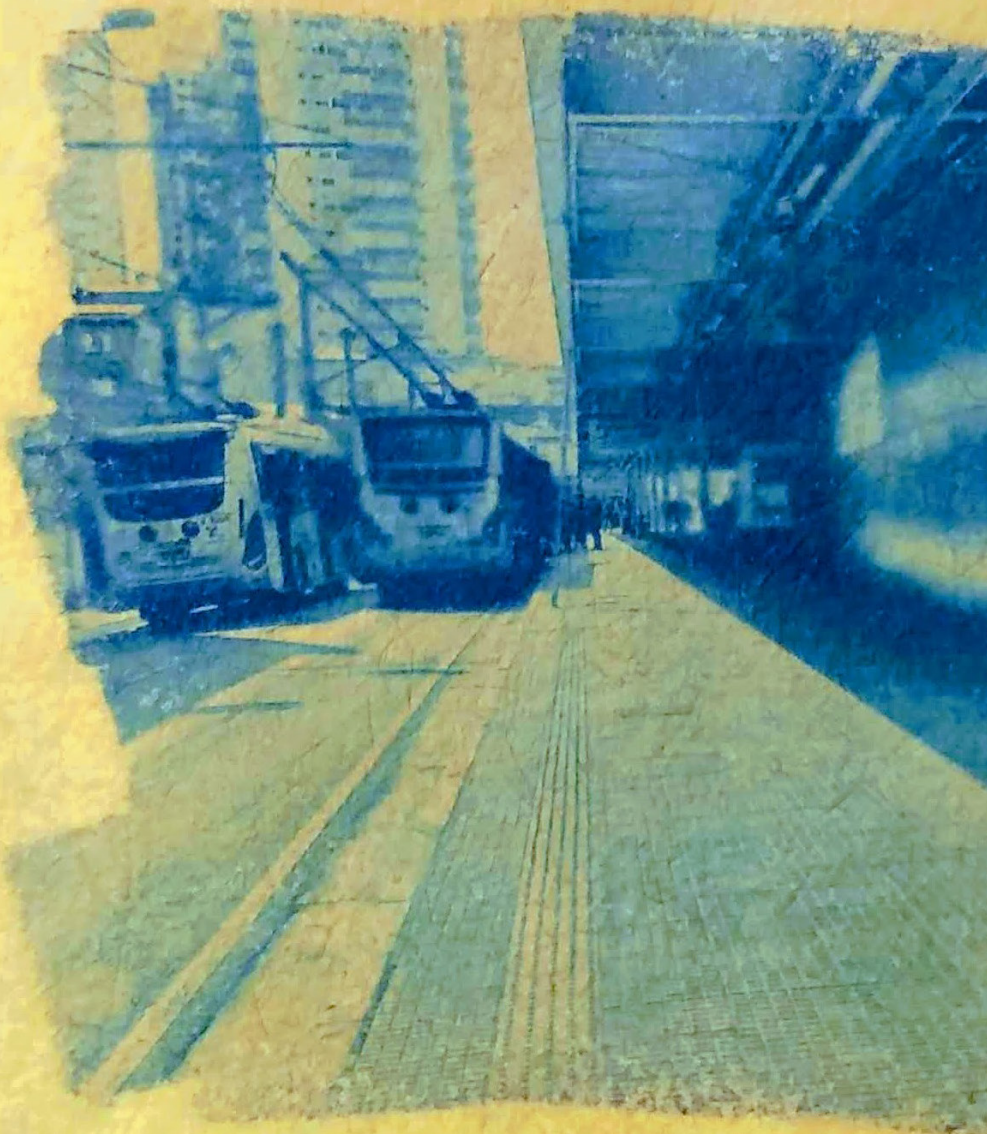
Lia de Itamaracá (2019), pintura a óleo. Por Juh Santana



Lia
Juh Santana
2019



Série "Invisíveis" (2019), cianótipo. Por Gil Guzzo





Meu mestre, minhas referências

Por Myllene Jesus dos Santos*

O período de crescimento intelectual de uma pessoa se dá pela luz que foi posta em seu caminho e o professor, profissional responsável pela formação é, antes de tudo, um guia pronto para instruir e guiar nessa trajetória um aluno ávido pelo conhecimento.

Nessa edição da DUMELA buscamos saber, especificamente, quantos professores negros(as) estiveram presentes no percurso estudantil dos nossos leitores e qual a importância deles (as) na sua formação.

“Passei a ter consciência racial pouco tempo antes de terminar o ensino médio. A partir de referências da internet, nessa busca, ao olhar para trás e notar que mesmo que tivesse aprendido com professores excelentes, que se dedicavam diante do desafio que é ensinar jovens periféricos em uma escola pública de Guarulhos, nenhum até então era preto ou preta. Graças ao sistema de cotas do ProUni tive a oportunidade de entrar na faculdade, e ao longo dos quatro anos de graduação, tive a honra e o desprazer de encontrar duas professoras negras. A honra porque até então minhas referências de profissões possíveis para o meu futuro enquanto homem negro estava relacionada a mão de obra pesada, como auxiliar de limpeza (profissão que minha mãe realiza até hoje, aos 55 anos de idade) e pedreiro (profissão do meu pai até hoje, aos 60 anos de idade). Eu as realizaria com orgulho e sem nenhum problema, mas foram essas duas professoras que me mostraram que eu também poderia chegar lá aonde elas estavam. O desprazer é porque eu só tive elas. Duas professoras negras, entre mais de vinte professores que me ensinaram ao longo de quatro anos de graduação. E é aí que me pergunto: se hoje estou onde estou graças a essas duas profissionais, imagine se tivesse tido professores negros desde o início da minha escolaridade?” – **João Arnaldo Santos, egresso do curso de Jornalismo do FIAMFAAM Centro Universitário.**



Arquivo pessoal



“Eu tive poucos, mas os que tive foram de total importância, ainda mais considerando o fato de, infelizmente, não haver muitos professores negros em campo. Ter alguém como você, tendo espaço em determinada situação, lhe traz confiança e te leva a crer também que é capaz alcançar aquilo. É literalmente um start de representatividade, um espelho para mim.” – **Flávio Benevides, aluno do 8º semestre do curso de Jornalismo do FIAMFAAM Centro Universitário.**

“Em toda minha vida desde o ensino fundamental sempre tive pouquíssimos professores negros me dando aula. E na faculdade isso não mudou muito. Acredito que nesses 4 anos de faculdade se eu tive 3 professores negros foi muito, mas mesmo assim, fico feliz por já ter tido aula com esses profissionais. Ter aula com professores negros me dá um incentivo maior de acreditar que eu posso estar no lugar que eu quiser porque para nós negros estar no ensino superior não é nada fácil. Eu espero que em um futuro próximo possamos ter mais professores negros lecionando e dando essa representatividade e esse incentivo para nós alunos negros.” – **Cristiane Fernanda Nogueira, estudante de Jornalismo do 8º semestre da FIAMFAAM.**



“Ao longo de toda a minha jornada na educação, desde a pré-escola até a universidade eu tive quatro professores negros. E eu acho importante deixar claro que em 22 anos estudando, a quarta professora negra apareceu na universidade. E é doloroso ter essa percepção, principalmente agora em que eu passei a ter consciência racial e social, entendendo que eles tiveram que vencer muitas coisas para chegar à frente de uma lousa. Todos eles marcaram a minha vida com as suas personalidades. Os primeiros três se espalharam entre algumas séries do ensino fundamental. Daiana, de Inglês, era doce e paciente. O Antônio, me deu aula em duas oportunidades, lecionava Ciências, era durão, não tinha bom relacionamento com as salas em geral e quase sempre era chacota dos alunos que o enfrentavam. A Jaredes também foi a minha professora de Ciências, marcou a sua passagem pela minha vida escolar pela forma consciente e correta com que encarava tudo. Depois deles, eu terminei o ensino médio, passei por 3 universidades. Comecei jornalismo, fiz três semestres e precisei trancar, me formei em processos gerenciais, comecei jornalismo novamente e apenas no 5º semestre fui ter a minha quarta professora negra, a Maria Lúcia.” – **Jordana Bruna Gomes de Araújo, aluna do 5º semestre de Jornalismo do FIAMFAAM Centro Universitário.**

“Devo dizer que sou fruto de uma ação afirmativa de cotas. Mesmo quando ainda não se falava abertamente sobre elas, tive o privilégio de ter estudado do fundamental ao médio, em um colégio bilíngue, sempre com bolsa de estudos. Lembro-me que naquele colégio as pessoas negras eram alguns poucos alunos, pouquíssimos, eu diria. Havia o Monsieur Sergio, na época o único professor negro daquela instituição e a única referência de pessoa negra fora dos lugares subalternizados que tive. Sei que hoje Monsieur Sergio está na UFRJ, mas foi uma figura emblemática para minha formação. Foi com ele que entendi que pessoas que se pareciam comigo poderiam sim estar sobre o tablado compartilhando conhecimento, e não apenas fazendo a manutenção das salas de aula. Das inúmeras vezes que tentei obter a formação em ensino superior, sempre me deparei com a ausência de professores negros, mas na época, não entendia muito bem o porquê disso tudo. Quando cheguei na FMU, muito para romper com um padrão geracional que assombra pessoas negras neste país, procurei por esta representatividade, e embora tivesse dois professores que se autodeclararam como pessoas negras, ainda é pouco. Duas pessoas dentre sessenta e três docentes é muito pouco, muito abaixo da média nacional segundo o INEP, ainda mais abaixo dos dados representativos do IBGE. Como disse, tive o privilégio de não ser a primeira geração da minha família a estar no ambiente acadêmico. Por isso ver mais professores negros nas salas de aula, pensadores negros nas bibliografias básicas, certamente contribuiria para nos reconectar a uma potência ancestral que há muito tempo tenta ser apagada e retirada de pessoas negras.” – **Danilo Vitorino, aluno de 8º semestre de Psicologia e vice-presidente da Liga Acadêmica Virgínia Bicudo da FMU.**



“Sim, tive professores negros. A importância, além da prática e transmissão do conhecimento em si, foi a questão da igualdade, até por estar em uma unidade de ensino pública próxima a uma comunidade. Entender o posicionamento e aonde eles chegaram e a forma como os alunos em si eram tratados, motivados a alcançar coisas maiores, foi algo em específico que chamava minha atenção e que colaborou para o meu crescimento acadêmico.” – **Igor Machado Ribeiro, aluno do 4º Semestre de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul.**

* Aluna do 4º semestre do curso de Jornalismo e estagiária do NERA

Há contribuição docente para uma educação antirracista?

Por Carolina Cristina dos Santos Nobrega*

Esse artigo compreende a relevância dos saberes dos(as) professores(as) de educação física na construção da proposta pedagógica de resistência. Nesse contexto, inspira-se na pesquisa de Nobrega (2019), intitulada *Educação antirracista no município de São Paulo: análise das experiências pedagógicas na área de educação física escolar*.

Ele parte da reflexão sobre as contribuições pedagógicas antirracistas na área de educação física escolar da rede municipal de ensino de São Paulo. À vista disso, retoma-se o problema central deste estudo, ou seja, a seguinte questão: em que medida as aulas de educação física têm contribuído com a promoção da educação antirracista? Para responder a essa questão, foi necessário desenvolver o estudo bibliográfico sobre a trajetória curricular da educação física, a questão étnico-racial, seus condicionantes histórico-sociais e a educação das relações étnico-raciais, enaltecendo os processos de resistência e enfrentamento no combate ao racismo (institucional, simbólico, material) e às discriminações. Diante desse desafio, considerou-se o aporte das políticas públicas educacionais, em destaque a Lei nº 10.639/2003 e o Parecer CNE/CP nº 3/2004, que tem a finalidade de enegrecer a educação, em especial esse componente curricular.

Nesse processo, a pesquisa foi realizada em cinco escolas públicas municipais de São Paulo, com as coordenadoras pedagógicas e os docentes da área que desenvolvem práticas pedagógicas no combate ao racismo. Desse modo,

os procedimentos metodológicos adotados para essa pesquisa, além do estudo bibliográfico, foi identificar os(as) professores(as) da área que desenvolvem práticas pedagógicas antirracistas e, posteriormente, foram realizadas as entrevistas reflexivas, semiestruturadas com cinco profissionais da equipe gestora (coordenadoras pedagógicas) e seis professores(as) de educação física que lecionam para o ensino fundamental II, perfazendo um total de onze entrevistas. Assim, realizou-se a análise de conteúdo destacando cinco categorias: identidade negra (fundamentada na contribuição de Neusa Santos Souza); formação docente (formação acadêmica e formação continuada); diversidade étnico-racial e currículo; o(a) professor(a) e a escola; pedagogia da diversidade na educação física (conhecimentos pedagógicos dos documentos legais sobre a questão étnico-racial e conhecimentos pedagógicos de combate ao racismo). Ao observar com cuidado esse contexto, percebe-se um ponto em comum, isto é, todos os docentes (da disciplina educação física) selecionados para a realização dessa pesquisa são negros, e as professoras negras representam a maioria. Entretanto, isso não significa que não há docentes brancos e não negros na rede municipal de ensino de São Paulo desenvolvendo essa temática; mas, constata-se que a temática étnico-racial, racial ainda é interpretada enquanto assunto que diz respeito, especificamente, à população negra. Por essa razão, os(as) professores(as)

entrevistados(as) revelam um perfil mais avançado em relação às questões da diversidade na educação básica, pois, apresentam processos de resistência na construção dessas identidades profissionais negras que se constituem em outra lógica, isto é, o entendimento da “pedagogia da diversidade”, no qual a questão étnico-racial, racial é um componente central para repensar e discutir o papel da educação física escolar na perspectiva da educação antirracista. E foram identificados pelos temas da dissertação, publicações e/ou apresentações dos relatos de experiências promovidos nas escolas, eventos (seminários), participações em grupos de estudo, que têm como foco a Educação das Relações Étnico-Raciais. Dessa maneira, a trajetória delineada pelos docentes pesquisados revela que o primeiro passo para a mudança é assumir a negritude e ter a postura política (discursos, atitudes antirracistas no ambiente escolar).

Portanto, a identidade profissional negra é inseparável da unidade; propaga-se de modo individual, mas é coletiva. Assim, as representações negras dos docentes na educação física produzem efeitos positivos. Elas formam os sujeitos históricos, pois, a identidade profissional negra amplia-se para a identidade política e traz para o ambiente escolar as atitudes derivadas da negritude. Em consequência, a representatividade negra mobiliza o processo de transformação e legitimação da educação física escolar, pois, questiona o papel da população negra no cotidiano escolar.

O que dizem os docentes de educação física?

Os docentes afirmam que o estudo, a busca pela própria identidade, a recuperação da autoestima, os incômodos, as angústias no processo de construção da identidade negra e a relação dessa com o contexto da escola são caminhos delineados para aproximar-se da temática étnico-racial. Nesse sentido, a percepção sobre os dilemas dos discentes (pois, na própria trajetória de estudante, vivenciaram os problemas do racismo e do bullying) são a motivação para desenvolver a temática étnico-racial, racial, nas aulas de educação física. Outra motivação importante é a necessidade de transformar os discursos racistas dos(as) professores(as) e educandos(as) no dia a dia da escola, demonstrando persistentemente a autoafirmação negra. Diante disso, percebe-se que a maneira como cada um se aproxima, se motiva, logo, se posiciona é diversa. Em vista disso, entende-se que para alguns docentes negros rompem com o mito da democracia racial e compreendem a ferida viva que o racismo expõe, bem como seus efeitos, traz como resposta a esse problema uma formação mais reflexiva, pautada na sensibilidade, na valorização da população negra, tal como a importância da alteridade e do acolhimento às diferenças.

Educação física antirracista: caminhos para uma proposta pedagógica de resistência

Para propor a resistência, enfatiza-se o conceito de negritude e a importância das ações pedagógicas inspiradas nesse. Sabe-se que assumir o papel da “negritude” é reconhecer a responsabilidade social de resistir e enfrentar o racismo, enquanto possibilidade histórica. Nesse ponto de vista, a negritude se constrói na relação docentes e discentes, num processo de autotransformação

permanente para ambos, permitindo a identificação na perspectiva da luta antirracista e, ao mesmo tempo, a construção da identidade negra no âmbito escolar, contribuindo no desenvolvimento do orgulho de ser negro(a), de tornar-se negro(a), subsidiando a produção da cultura negra no processo de ressignificação da área. Significa compreender que os docentes de educação física buscam o conhecimento e desenvolvimento da negritude no contexto da história, cultura afro-brasileira, africana e trabalham, de maneira interdisciplinar, com as áreas de história, artes e literatura.

É importante ressaltar que o ato pedagógico extrapola a letra da lei, buscando a legitimidade na flexibilidade da ação pedagógica, pois, os(as) professores(as) que compreendem a necessidade da mudança, consideram a conquista da Lei nº 10.639/2003 (reflexo legal do processo de emancipação, político e epistemológico), a construção da própria identidade afro-brasileira (dentro e fora da escola), para repensar sua prática pedagógica, selecionando as práticas corporais, os temas de estudo e o planejamento participativo a partir da cultura negra.

Verificou-se a articulação entre o componente curricular e a proposta pedagógica da unidade escolar nos relatos das coordenadoras pedagógicas que perceberam (em sua maioria) que o processo de incorporação da corporeidade negra e a manifestação do cabelo, a partir dos saberes identitários, políticos e estéticos/corpóreos nas aulas de educação física, contribuem para aproximar os discentes da temática étnico-racial, racial e questionar o posicionamento das outras disciplinas em relação ao tema no contexto da unidade escolar.

Nessa direção, percebe-se o financiamento próprio como principal recurso dos docentes na busca pelo aprimoramento no contexto da diversidade étnico-racial, pois há sempre a necessidade

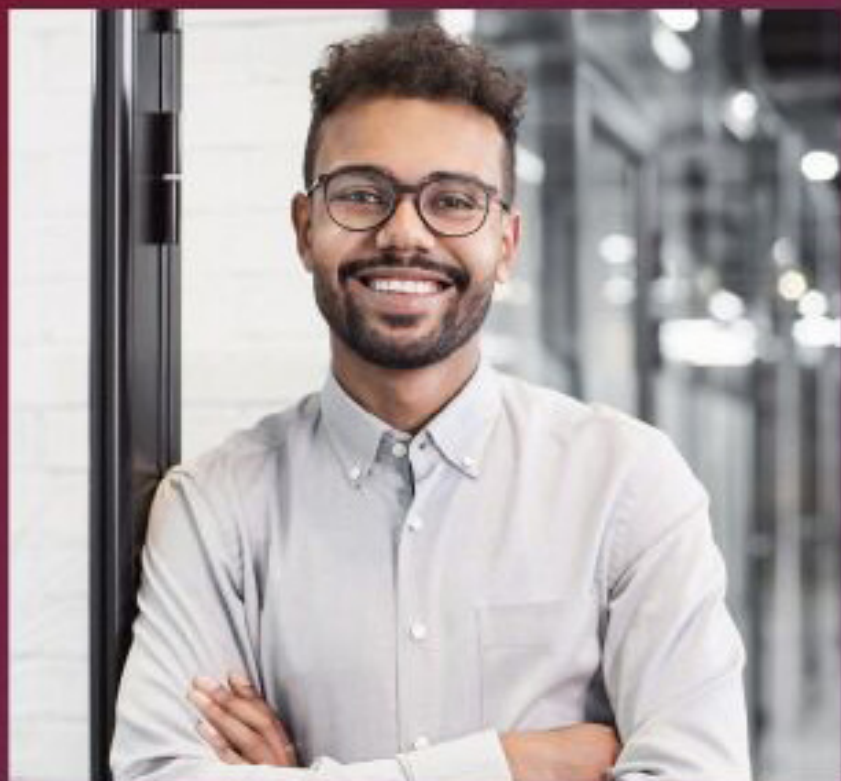
de suprir as lacunas que ficaram a respeito da ausência da formação das relações étnico-raciais dentro e fora da graduação em educação física (licenciatura e bacharelado), do mesmo modo, sabe-se que o desenvolvimento da negritude exige o comprometimento com o estudo e a pesquisa, tal como o posicionamento político de combate ao racismo e todas as formas de preconceito, e de manutenção das desigualdades. Portanto, a escolarização é uma bandeira de luta para a população negra. É extremamente importante, enquanto peça fundamental na busca pela libertação, que, ao descolonizar e libertar o pensamento, negros(as) deixam de ser objetos de representação para assumir o protagonismo da própria história.

Referência:

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. **Educação antirracista no município de São Paulo: análise das experiências pedagógicas na área de educação física escolar**. 2019. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.



* Mestra em Educação (Antirracista) pela Universidade Federal de São Paulo, especialista em Dança e Consciência corporal pela Faculdade de Educação Física da FMU e especialista em Gestão Pública e Extensão universitária em Docência no ensino superior pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Secretária das Relações Étnico-Raciais do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE/SP).



APROVEITE NOSSO
MÊS DE OURO

**E VENHA
PARA A FMU**

PÓS-GRADUAÇÃO

PRIMEIRA

MENSALIDADE POR ATÉ

R\$ **49**,00

*Consulte condições comerciais.

+

BOLSAS DE ATÉ

80%*

NO
CURSO
TODO

CONQUISTE O QUE É SEU!

FMU
Faculdade de Medicina da Universidade

**FAÇA SUA
PÓS GRADUAÇÃO
NA FMU.**

CURSOS NAS ÁREAS

ARTES, DESIGN E MODA
ARQUITETURA
COMUNICAÇÃO
EDUCAÇÃO
DIREITO
ENGENHARIA E TI
NEGÓCIOS
MEDICINA VETERINÁRIA
CIÊNCIAS DA SAÚDE



Conheça os cursos de Pós-graduação da FMU. Acesse o QR CODE para, mais informações.

CONQUISTE O QUE É SEU!

FMU
FACULDADE DE MEDICINA